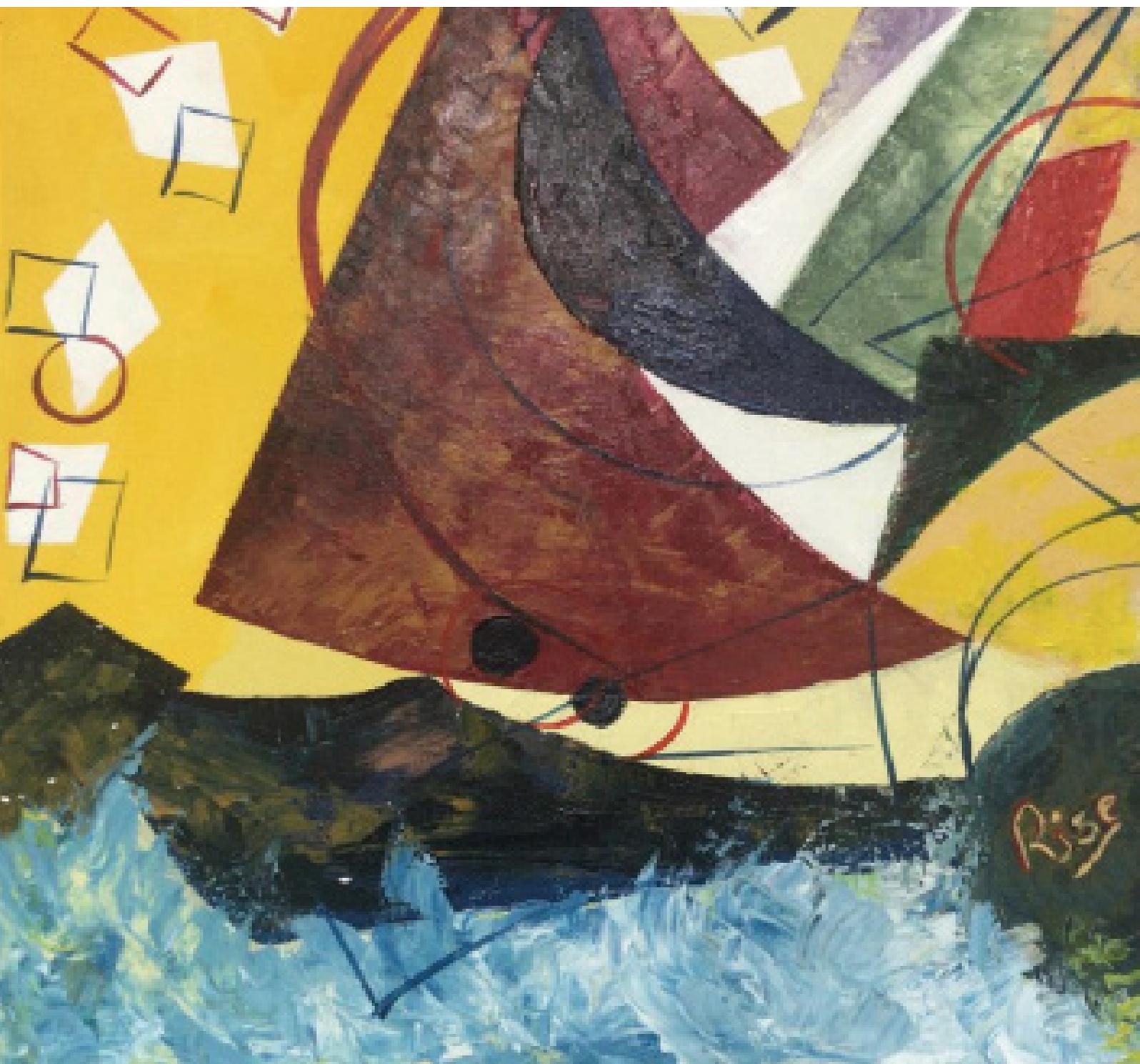


RESSACA LITERÁRIA

ANO 4, Nº 7. MAIO, 2020

revista de poesia, prosa et cetera



Apoio:



• ACADEMIA DE INGLÊS •

Washington®





Para Início de Conversa

A revista *Ressaca Literária* é uma publicação periódica, promovida e editada pelo curso de Letras da UnirG. Tem por objetivo dar a conhecer as produções linguístico-literárias dos acadêmicos e professores do curso.

A *Ressaca Literária* publica contos, poesias, artigos e ensaios literários, estudos linguísticos e comparados, além de textos sobre artes, cultura, didática e/ou de abordagem interdisciplinar com áreas afins.

Neste número da *Ressaca Literária*, assim como nos números anteriores, há um toque plural, abrangendo temas e campos de conhecimento diversos. Optamos por acolher essa multiplicidade de contribuições que, por diferentes caminhos representam os esforços de pesquisa, leitura e produção de textos desenvolvidos no âmbito do curso de Letras.

Inicialmente, você encontrará uma abordagem da obra de Clive Staple Lewis *Os quatro amores*, recentemente traduzida em nosso país. Um ensaio sobre

as maneiras de amar e que em muito conscientiza o leitor sobre como evitar sofrimentos amorosos errados.

Na sessão caminhos da prosa você poderá ler três contos produzidos por acadêmicos do curso de Letras.

Em Teoria e Crítica Literária, aspectos e continuidade do estilo Maneirista na poesia brasileira.

Em seguida, encontrará uma entrevista com o escritor da Academia Gurupiense de Letras, Eliosmar Veloso e conhecerá a autobiografia da professora Rosimeire Granada.

Também apreciará alguns textos de acadêmicos de análises literárias sobre José de Alencar e Augusto dos Anjos. E ainda conhecerá aspectos da Cultura local tocantinense.

Aproveitemos o tempo e matem os vírus com leitura.

Boa leitura!

Wellitania Oliveira

Para comentários, sugestões, possíveis parcerias e mais informações, escreva para:
ressacaliteraria2017@gmail.com

Nossa capa

NOSSA CAPA: Rise Rank
Título: Ressaca Marinha
Dimensão: 0,40 x 0,30 m
Técnica: Acrílica sobre tela



Rise Rank é artista plástica autodidata e ilustradora de livros. Graduada em Odontologia, Especialista, Mestre e Doutora em Odontopediatria, Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade de Gurupi UnirG, TO (2019-2020); Coordenadora do Programa de promoção em saúde bucal “Boquinha do Bebê” (Gurupi-TO)

EDIÇÕES ANTERIORES



PREFIXO EDITORIAL: 922619
NÚMERO ISBN: 978-85-922619-9-3
TÍTULO: Ressaca Literária N° 07
TIPO DE SUPORTE: papel

PRODUÇÃO: Curso de Letras - UnirG
DIREÇÃO: Maria Wellitania Oliveira

UNIVERSIDADE DE GURUPI - UNIRG

Presidente:

Thiago Lopes Benfica

Reitora:

Dr^a. Sara Falcão de Sousa

Vice-Reitor:

Dr^o Américo Ricardo M. de Almeida

Pró-reitor de Graduação e Extensão:

Me. Eduardo Fernandes de Miranda

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação:

Dr^a Rise Rank

Coordenadora do Curso de Letras:

Ma. Maria Wellitania de Oliveira

Coordenadora de Estágio:

Ma. Lucivânia Carvalho Barcelo

REDAÇÃO/TEXTOS/FOTOS:

Ana Marina Silva Mariano

Âtoni Vizzotto Branco

Domingas Santana dos Reis

Elane Aparecida M. Santos Milhomem

Jeremias Silva Pereira

Louygrime Soares dos Reis

Milena Castro Milhomem

Rafaelly Pimentel Ribeiro Lima

Thallison Henrique de Souza Assunção

DIAGRAMAÇÃO:

Natan Fernandes

PROJETO GRÁFICO:

Wellitania Oliveira

REVISÃO:

Fabiano Donato Leite

COORDENADOR DE REDAÇÃO:

Lucas dos Santos Costa

IMPRESSÃO:

Gráfica Modello

TIRAGEM:

100 exemplares

CONTATO:

ressacaliteraria2017@gmail.com

WHATSAPP:

(63) 98427-7656 / 98401-6722

Rua F, quadra 30, lote 14 n° 90,

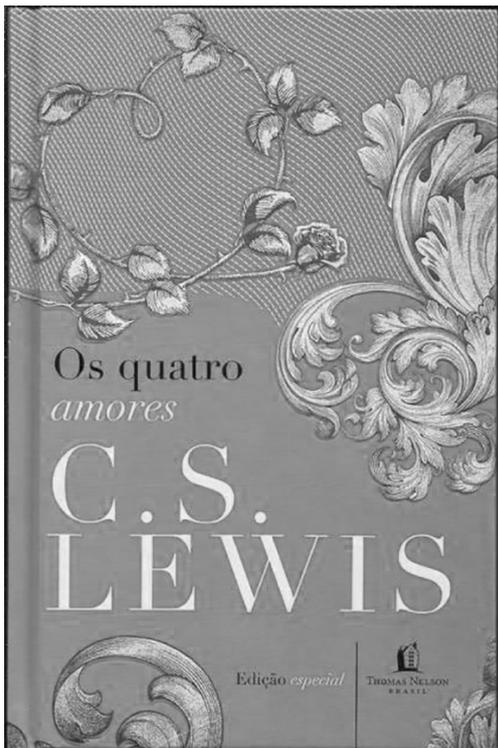
Gurupi – TO – 77405-330



SUMÁRIO

RESSACA DE LEITURA	06
NO CAMINHO DA PROSA	08
ONDAS DE POESIA.....	16
TEORIA LITERÁRIA	25
ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO	30
ENTREVISTA	33
MARULHOS LITERÁRIOS.....	37
LITERATURA TOCANTINENSE.....	38
PRODUÇÃO ACADÊMICA	39
OUTRAS ARTES	49
CURIOSIDADES LITERÁRIAS	54

RESSACA DE LEITURA



FALEMOS DE AMORES

Fabiano Donato Leite'

Parece paradoxal que alguém fale em amores nesses dias. Calma. Falemos de amores. Sim. Amores de todas as formas, em todos os tempos, vindos não importam de onde. Falemos de amor e sempre teremos motivos para sorrir.

Pois é exatamente de quatro amores que este artigo trata desta vez. Especificamente da obra de Clive Staples Lewis (1898-1963), que já é autor conhecido nosso com a obra *Alice no país das maravilhas*, e no momento teve sua obra de ensaio *The four Loves* traduzida em nosso país.

Os quatro amores é uma obra que o leitor lê em estado de deleite crítico. São cinco capítulos que discutem o Amor em suas variadas nuances. No primeiro capítulo, cujo título é *O gostar e o amar em relação*

aos sub-humanos, ficamos sabendo do amor-apreciação e do amor-necessidade. Neste momento discute-se a frase “Amo tanto alguém, que não posso viver sem ele.” Segundo o autor, há muita confusão entre as maneiras de expressão do Amor. Comumente as pessoas misturam a apreciação com a necessidade e submergem o melhor do ato de amar com os instintos. Numa prosa fluente, bem sedimentada e bem demonstrada com argumentação crítica em várias fontes, Lewis surpreende o leitor com um texto claro, fluente, de uma atualidade surpreendente. Neste capítulo, o que mais nos espanta é o fato de amarmos em meio a tanta confusão e, diga-se a bem da verdade, amarmos mal demais, submergidos numa

onda de desejos e instintos pueris que nos aproximam do amor dos demais animais.

Mas já temos adentrado aí ao segundo capítulo, que tratará da Afeição. Segundo Lewis, este é o “amor mais amplamente difuso, no qual nossa experiência parece diferir minimamente da experiência dos animais.” (p. 51) Afeição é amor gratuito, mas não se mistura com instinto. Culmina na entrega, no relacionar-se despojado, com o querer desprezioso. Segundo o autor, a Afeição não é arrogante. A Afeição é capaz de amar até os repulsivos. Há uma sentença muito célebre neste capítulo, quando o ensaísta diz que “Deus e os seus amam os que não são dignos de amor.”(p.59) Aqui, o amor atinge seu ápice ao colocar à disposição do outro seus mecanismos de libertação.

Neste capítulo, o leitor fica a par das exigências descabidas de muitas pessoas que não praticam o Amor-Afeição com gratuidade. Sofremos porque amamos mal, porque queremos possuir o outro. Percebe-se a atualidade da frase de Saramago, que em uma obra afirma: “Talvez uma das piores formas de amar seja o ter.” Aqui vale lembrar o quanto amamos mal por não causarmos o fim da dependência do outro. Amar, segundo Lewis” é levar o outro à liberdade e” a hora em que somos capazes de dizer ‘Eles não precisam mais de mim’, deveria ser nossa recompensa.” (p. 75) Pobres de nós, os que amamos causando a dependência nos outros, pois estamos causando a nossa também.

Cabe ao leitor investigar se este seu ato de amar com Afeição tem sido equilibrado, pois o autor vai lhe falar de uma necessária decência na Afeição, uma vez que “A Afeição produz felicidade se —e somente se— houver bom senso, um dar e receber e decência.” (p.80)

No terceiro capítulo, Lewis fala da Amizade, analisando tal conceito desde a Literatura dos antigos, investigando como a Amizade era considerada “o mais feliz e o mais completamente humano dos amores” (p.83) Segundo Lewis, poucos valorizam a Amizade, porque poucos a experimentam.

Observando a Literatura Moderna, costumeiramente as pessoas confundem os amigos com amor sexual. Mas em alguns instantes de lucidez, autores como Vinícius de Moraes e Arnaldo Jabor já nos esclareceram a respeito da Amizade, da necessidade dela para nossas vidas, bem como de sua natureza. Quem não se lembra da recente composição *Amor e sexo*, de Arnaldo Jabor, na qual ele afirma: “Amor sem sexo é amizade.”?

O quarto capítulo elucida ao leitor a dimensão de Eros. Excelente capítulo. Neste, um dos mais claros sobre o Amor, Lewis presta um enorme serviço aos navegantes sem bússola na arte de amar. O autor dissecou o amor Eros, não o limitando ao desejo sexual apenas, mas expandindo-o para todas as zonas da capacidade humana. Segundo Lewis, condicionar biologicamente o amor Eros ao instinto sexual de procriação, é tentar encontrar na carne um absoluto.

Por isto, em tempos de pandemia, falemos de amores. Leiamos *Os quatro amores*. Amemos mais e melhor. Amemos com toda intensidade, que segundo Milton Nascimento “Todo amor é sagrado e o fruto do amor é mais que sagrado.” Vale amar, ler, ouvir boa música, amar a vida para além das posses.” Amar é a melhor maneira de viver. É o que a gente tem de bom.” Pandemias e ódios passam, amor fica.

(**Os quatro amores**, de C. S. Lewis, tradução de Estevan Kirschner, 1.ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, Brasil, 2017)

NO CAMINHO DA PROSA



Fonte: <https://emais.estiadao.com.br/inciadas/comportamento,familia-coloca-falecido-jogando-video-game-durante-funeral,70002397081>

FUNERAL

Por Euler Moura

Décio fora uma criança abandonada, anos atrás. Hoje, ele havia abandonado algumas, pelo decorrer de sua longa jornada pela Terra. Nunca fora de se prender a nada - algo que aprendera com sua mãe; que por sua vez, fora uma filha abandonada. Por coisas assim terem ocorrido, ele vagava por aí, sem um rumo determinado. Trabalhando nos piores empregos já criados, mas sem nunca perder um orgulho que ninguém sabia dizer exatamente no que era baseado. Era um homem sem raízes, um homem que nunca vira uma guerra que não fosse dentro de si mesmo. Será que tinha sido feito só pra sofrer?

Décio era um homem abandonado, agora. Estava sentado no tecido grosso que o separava do chão de terra. Um novo dia, uma nova chance de não fazer nada de bom. A copa de uma solitária árvore seca servira de teto para ele naquela noite. Ele olhava lá pra baixo, uma casa que era a única construção num raio de alguns quilômetros, lá em baixo do morro onde estava. Via que tinha algo acontecendo, mas o fato de ainda estar com muito sono - e ter bebido muita cerveja na noite anterior - dificultavam o seu entendimento. Resolveu que iria averiguar o que diabos era aquilo. Com cuidado, ele foi se levantando, prestando atenção para não se desequilibrar. Pegou o chapéu de vaqueiro todo amassado, que ele havia usado como travesseiro na noite anterior, e o colocou. Tirou um pedaço de baba seca do canto da boca, jogou fora o que restara da cerveja (choca), e começou a descer, deixando suas coisas sozinhas.

Foi uma descida longa, e que parecia nunca ter fim. A cada cinco ou seis passos, ele

cambaleava; reflexos do álcool, ainda em seu sistema. Esse excesso de álcool talvez pudesse trazer um risco a sua vida, qualquer dia desses. Ao longe, na casinha, tudo que conseguia distinguir eram uns vultos negros e fora de foco.

- Oi. - Ele chamou, quando foi chegando perto. Não houve resposta. Ele ouvia um murmurinho inteligível, e o som de choro. Mas nada de respostas ao seu “oi”. Aquilo era muito deselegante da parte dos moradores. Ele parecia uma parede, por acaso? Mesmo se conseguisse enxergá-los claramente (afinal, aquilo era efeito da bebida? Talvez suas vistas fossem ruins mesmo, depois de tanto sol), ele achou, não conseguiria compreender o que ocorria ali. No fundo de sua mente, ele percebia o murmurinho.

- Oi - Ele repetiu. Nada. Ele falou, falou, falou, e ninguém fazia nada. Aquela era a casa mais sem costumes que já visitara. A paciência diminuindo cada vez mais

- Ora seu... - ele foi dar um empurrão com toda força no vulto mais próximo, espalmando a mão no peito do sujeito, e errou. Não entendia o que tinha acontecido. Suas vistas estavam ruins, mas não tão ruins a ponto de errar algo que estava tão próximo. Tinha um murro cuja força deveria ser equivalente de um martelo de construção. Ele se levantou o mais rápido que pôde, cambaleando. Tentou empurrar de novo, e nada, pegou o nada. Levantou-se, tomou distância, e correu para cima do vulto, braços abertos para agarrá-lo. Nada. A única coisa que conseguira fora acertar a cara na parede da casa.

Quando Décio despertou, já haviam passado duas horas. Durante o tempo em que ficara apagado, ele teve uma sequência de sonhos das quais não se lembrava. A única coisa que tinha certeza era de que uma de suas amantes estava nele. Levou um tempo até que o sangue voltasse para todas as partes de seu corpo. A vista parecia estar pior do que o de costume. Ele esfregou os olhos nas mãos, na camisa suja de terra, mas nada. Apesar de tonto, ele percebeu que o murmurinho continuava, quase musicalizado. Ou talvez fosse só a tontura. O sol começava a se baixar na caatinga. Ele se levantou, de novo, e deu uma boa olhada na casa. Era simples, com tijolos de barro que eram mais chatos que os normais. Não era muito alta, e parte de sua estrutura era sustentada por vigas de madeira que parecia apodrecida, e soltava lascas gigantescas. O chão de cimento queimado, na pigmentação de verde, estava muito corroído, mostrando a terra por baixo da construção.

Décio deu uma volta completa na casa. O murmurinho musicalizado o seguia, e parecia dizer algo, que ele não compreendia.

A porta da frente estava aberta, mas ele não conseguiu entrar. Uma quantidade monstruosa de fumaça emanava lá de dentro. Ele tossiu catarro e sangue. Tentou se aproximar novamente, e desta vez, viu que o que causava isso eram velas, acesas por toda a casa, suficiente para sedar um elefante. Deveriam ter, talvez, umas trezentas, ele calculava. Velas de todos os tamanhos. No meio da sala, um caixão, coberto por um lençol branco. Foi quando a ficha de Décio caiu: era um funeral.

- Bem, isso não é comum - uma voz atrás dele disse.

- Filho da... - Décio começou. Virou-se, e viu, não para a sua surpresa, mais um vulto sem foco. Se ele fosse cardíaco, teria infartado ali, com certeza, ele pensou. Esse vulto, ao

contrário dos outros imbecis, pelo menos se dera ao trabalho de responder a ele.

- Tampouco é educado, chegar a um funeral de última hora. O que faz aqui, irmão? Quem o convidou? - o vulto, de voz feminina, perguntou. A voz ser de uma mulher o pegou de surpresa.

- Eu...

- Tudo bem. Espere aqui, sim?

- Mas eu...

- Espere, sim?

- Tá bom. - O vulto se afastou. Quando voltou, estava acompanhada por alguém que, por fim, parecia nítido diante dos olhos de Décio. Era um homem que vestia todo preto, em roupas elegantes, e aparentava ter uns trinta e poucos anos. Poderia ter nascido no mesmo ano que ele, Décio pensou. A diferença é que os anos não passam da mesma maneira para todos, se você trabalha no campo. Ou em qualquer campo que apareça.

- Olá - o homem disse.

- Senhor? - Décio perguntou.

- O que você quer?

- Eu... - Décio limpou a garganta e cuspiu. Tirou o chapéu e o segurou contra a barriga - eu tava dormindo... ali em cima - ele apontou - quando vi vocês. Daí eu vim ver o que era.

- Certo... - o homem disse, lentamente - E você já sabe o que está acontecendo aqui?

- Ah... Alguém morreu. É um funeral.

- Exatamente - o tom do homem começava a incomodar Décio. Era um tom frio, quase desumano de se falar com outra pessoa - e você sabe quem foi?

- Não... senhor.

- Esta - ele apontou para a casa - era a minha esposa, a última das divindades do campo. Nós, entidades que nos compadecemos de sua partida deste plano, viemos prestar nossas condolências, aqui, longe da humanidade. Porém, o senhor aparenta possuir uma habilidade incomum de nos enxergar.

- Eu não vejo nada.

Nada daquilo fizera o menor sentido na cabeça do vagabundo.

- Desculpa, o que? Ah, certo, certo... - o homem repetiu. Décio odiava que fizessem isso, o tratassem como idiota. Um caipira que não entende português claro. Mas, bem, ele realmente não entendera metade das coisas que o viúvo havia dito, isso era verdade - Veja, o que você está presenciando...

- Não.

- Desculpe?

- O que quer que vocês - ele fez gestos de círculo com os dedos, enquanto cambaleava pra trás - estejam fazendo aqui, eu não quero saber.

- Mas você perceb...

- Não.

-Deixe-me terminar, sim? - O viúvo respirava fundo e pacientemente, embora seu sorriso

fosse um tanto forçado.

- Tá.

- O senhor... como se chama?

- Décio.

- O senhor, senhor Décio, consegue nos ver. Consegue ver essas entidades etéreas, que vem regendo a humanid...

- Tudo bom - e por fim, Décio saiu caminhando para longe daquela conversa de maluco. Porém, agora se sentia um pouco mal: gostaria de ter perguntado se eles tinham alguma cerveja naquele funeral.

TOINHO PÉ DE FERRO

Num formigueiro nasceu uma formiga com um pé de ferro, logo que nasceu, sua mãe colocou-lhe o nome de Toinho. Por onde passavam, as formigas diziam:

__ Lá se vai Toinho pé de ferro.

Certo dia, Toinho chega em sua casa triste, cabeça baixa. Sua mãe logo pergunta:

__ Qual o motivo de estar tão triste?

Ele responde:

__ Os meninos não deixam eu jogar futebol, pois dizem que eu não posso, pois se eu jogar vou furar a bola, pois tenho o pé de ferro e sorriram de mim. Sua mãe com sabedoria e paciência diz a ele:

__ Não fique triste, você nasceu assim diferente e nada é por acaso, nada é sem razão e no tempo certo você vai fazer a diferença, pois cada um nasce com um propósito, uma missão.

Certa tarde, naquele formigueiro, escuta-se uma sirene em alto e bom som, que era sinal de alerta, pois uma grande pedra vinha rolando rapidamente em direção ao formigueiro. As formigas ficaram desesperadas, pois sabiam que aquela grande pedra iria destruir suas casas, e no meio daquele desespero todos estavam agitados, mas Toinho pé de ferro estava tranquilo.

Parado à porta da cidade, Toinho pé de ferro tem uma ousada ideia; com um desejo de jogar futebol, que até naquele momento os meninos não o deixavam jogar, não pensou duas vezes e deu-lhe um chute naquela grande bola de pedra, que partiu ao meio dividindo-se em duas partes de tal modo que uma das partes foi para a direita e a outra para a esquerda salvando todo o formigueiro daquela catástrofe.

Todos daquele formigueiro correram para abraçar Toinho pé de ferro, sendo que a partir daquele ato heroico ele tornou-se herói daquele formigueiro.

Moral da estória: "Por mais diferentes que sejam, não desprezeis aos vossos semelhantes."

Jeremias Silva Pereira



<https://pt.dreamstime.com/photos-images/puxando-mala-de-viagem.html?pg=5>

ESTOU DEIXANDO VOCÊ

Por Vitória Lopes Oliveira

Meu querido e grande amor, é lamentável o fato de eu estar escrevendo isso para você, mas infelizmente é inevitável. Há muitos dias venho pensando em como fazer isso e se deveria, de fato, fazê-lo. Pensei que poderia aguentar mais um pouco, visto que o meu tempo está acabando, todavia percebi que não quero passar meus últimos dias assim.

Nosso relacionamento não regrediu, ele despencou. A ladeira pela qual ele desceu foi tão íngreme que a velocidade foi de um jato F-111. Lembro-me ainda dos momentos incríveis que passamos juntos. Lembro-me dos sorrisos, dos filmes, das aventuras e das tão românticas noites de amor. Mas foi tolice minha pensar que esse conto de fadas duraria para sempre.

Desde que descobri minha doença, mais especificadamente quando descobri que não tem solução, e que meu fim literalmente vai ser a morte, venho pensando mais nas pessoas que deixarei, do que no momento em que vou partir. Tenho tentado amenizar o sofrimento de todos. Fazer com que saibam que fui muito feliz enquanto estive aqui. Com você não foi diferente. A discrepância, porém, foi na maneira que você reagiu com tudo isso até este momento.

No início foi sim como pensei que seria. Você me acompanhou em cada exame e em todas as sessões de quimioterapia você estava lá, segurando a minha mão, fazendo-me sentir amada e convencendo-me de que eu estava linda, mesmo com olheiras fundas, pele pálida e cabelo ralo. Com o tempo a sua disponibilidade diminuiu. “Preciso fazer uma diária extra”, “tenho que ajudar minha mãe”, “hoje tenho treino de futebol”. Coisas supérfluas tiraram sua atenção de mim.

Não me entenda mal, não quero ser egoísta. Mas você deve, ou, ao menos deveria tentar entender os fatos. Trocar de lado comigo. Desse modo você entenderia que: o seu

treino de futebol não é mais importante que sua namorada doente.

Lembro-me do dia em que fomos almoçar com a sua família em um domingo. Eu já me sentia insegura no que diz respeito a você. Já sentia que o seu olhar, carinho e desejo por mim haviam diminuído. Nesse dia, você conversava com um dos seus primos distantes de mim, enquanto eu batia papo com sua irmã e sua prima. Depois de algum tempo me aproximei de você, queria ir para casa. Mas não pude deixar de ouvir sobre o que conversavam. Estavam discutindo sobre a nova “ficante” do seu primo. Comentários do tipo “Ela ficou muito gostosa nessa foto”. Isso saindo da sua boca, partiu meu coração.

Mais tarde, fizemos amor. E tenho certeza de que era nela que você estava pensando.

Jamais me esquecerei de você. Da pessoa que conheci antes de tudo isso cair sobre nossas cabeças. Você será para sempre meu amado. Suas qualidades estarão sempre no meu coração. Eu ainda amo você, e estou te deixando por mim. Não quero morrer pensando que fui um fardo para alguém. Que você suportou esse restinho de namoro somente até chegar a hora da minha partida.

E, principalmente, depois da minha morte-iminente-, não quero que fique por aí ouvindo coisas como “você fez tudo o que podia”, só para amenizar seu “ego ferido”, porque não, você não fez tudo o que podia, longe disso.

Adeus! Que sua vida seja longa e feliz. A minha não foi, mas não foi de toda infeliz. Levarei comigo os sorrisos que me dera, e estas lágrimas que escorreram e acabaram por manchar as folhas, deixo para você. Afinal, assim como os bons momentos, os ruins e solitários, também foram de autoria sua.

REGRESSO

Estou de joelhos, não por opção, a tempestade que inundou a cidade atingiu também a minha alma. Estou sozinha, confinada na imensidão do seu olhar, atada por laços que me prendem a você e que não se rompem facilmente.

Suplico por ajuda, você parece não se importar com todo o caos que foi gerado com a sua chegada. Me deito no chão, a brisa fria não congela os meus lábios, me aqueço nos seus braços.

Bem distante ouço sua voz, encharcada de desejo, me perco em seu toque, suas mãos em meus cabelos revelam partes desconhecidas, polidas, feridas pelo seu ego. Destruída pela dor que me fez partir, ao longo do caminho sigo seus sinais e sem perceber volto pra você.

Morgana Bezerra de Sousa Alves



<http://www.terraboia.blog.br/2012/10/entre-tapas-e-beijos.html>

INTENSO AMOR

Por Rachel Mascarenhas de A. Guimarães

Há vinte anos, Laura e Antônio não sabiam que o amor estava prestes a invadir seus corações. Laura era uma moça jovem e muito bonita, morava em uma cidadezinha chamada Viana, no interior do Maranhão. Já Antônio era médico, recém-formado, acabara de conseguir o primeiro emprego na cidade de Laura. Ele estava entusiasmado, mas triste por ter deixado sua cidade, São Paulo.

Viana era uma cidadezinha pacata, com poucos habitantes, tinha uma aparência histórica e uma praça com muitas árvores no centro da cidade. Laura sempre ia até a praça nos finais de semana para ler seus livros. Ela adorava ler e no final da tarde observar o pôr do sol. Antônio, passeando pela cidade observou Laura sentada na praça embaixo de uma sombra, o que lhe chamou atenção: além de ser uma linda moça, a luz do sol irradiava e iluminava seus cabelos que pareciam brilhar! Ele então passou a frequentar o lugar.

Sem saber como se aproximar da moça, ele pensava que talvez fosse melhor desistir, pois iria ficar na cidade apenas um ano, depois retornaria à capital. Um dia eles foram até a praça como era de costume, mas começou a chover logo que chegaram. Laura, que estava sentada, levantou depressa, tropeçou na raiz de uma árvore e caiu! Antônio, que observava a situação, rapidamente foi ajudá-la e ali sem que eles soubessem, começou a nascer uma linda história de amor. Naquele instante, Antônio perguntou:

- Você está bem?

E Laura respondeu:

- Sim, estou! Você é novo por aqui?

- Sim, meu nome é Antônio, qual é o seu?

- Laura. Obrigada pela ajuda, Antônio!

- Por nada Laura.

Antônio então chamou Laura para irem até a sorveteria que ficava em frente à praça para esperarem a chuva passar. Depois de muita conversa, ele pediu à moça para que ela lhe mostrasse a cidade. Ela concordou e nos dias seguintes eles se divertiram muito juntos. Laura lhe mostrou todos os cantos e o apresentou para todos. A cada dia eles ficavam mais próximos e com o passar do tempo, os dois ficaram muito apaixonados. Antônio vivia os dias mais felizes de sua vida ao lado de Laura, mas algo lhe incomodava, ele ainda não dissera à moça que teria que partir em breve e de fato não sabia como dizer. Doía-lhe o coração só de pensar em deixá-la.

Um ano se passou e Antônio ainda sofria com o mesmo problema, já Laura estava feliz, já que finalmente tinha alguém amigo, companheiro, divertido e amável ao seu lado. Mal sabia ela que uma notícia estava prestes a partir seu coração. Antônio já estava de partida, mas convidou Laura para um jantar em sua casa. Ela chegou a pensar que ele a pediria em casamento, por isso colocou seu vestido mais bonito e foi toda radiante. Logo após o jantar Laura sentiu que havia algo estranho. Notou que Antônio estava diferente. Preocupou-se, mas esperou que ele falasse. Antônio então, meio sem graça, explicou à Laura que estava de partida, pois teria sido contratado para trabalhar na cidade apenas por um ano. Laura, assustada e com a voz trêmula, perguntou:

- Quando?

Então Antônio respondeu sem encará-la e com a cabeça baixa:

- Amanhã.

Laura se desesperou, chorou tanto, não podia suportar aquilo. Antônio a abraçou fortemente e disse baixinho em seu ouvido:

- Você nunca vai me perder!

Pela manhã Laura foi embora para sua casa, pois não iria suportar ver seu amor partir. Ela estava desolada, o dia parecia não ter mais cor, tudo estava cinza. Eles viveram os piores dias de suas vidas longe um do outro.

Passou-se um ano e nem Laura, nem Antônio conseguiram esquecer aquele intenso amor. Antônio por várias vezes se perguntava como Deus teria permitido a ele viver algo tão maravilhoso e depois viver dias tão tristes. Ele então decidiu que não poderia mais viver assim, deixou de lado o medo e a inexperiência que o fez afastar-se de Laura e foi em busca do seu amor.

Persistente, sempre tentou por diversas vezes telefonar para Laura, mas ela não o atendia, uma vez que achava que era melhor não se falarem e esquecer o que viveram. Por este motivo, por não atender suas ligações, Antônio resolveu fazer uma surpresa. Após três dias de viagem, ele chegou à Viana pela manhã, mas esperou o entardecer e foi até a praça. Laura estava lá, linda como sempre, lendo seus livros. Quando viu Antônio, ela pensou ser coisa da sua cabeça, mas ele foi chegando mais perto e ela entendeu que era real. O médico chegou até ela, e antes que pudesse dizer uma só palavra, Laura o abraçou e ali naquela praça ficaram abraçados por muito tempo em silêncio, o amor aquecia o coração dos dois novamente. Então Antônio disse:

- Eu estou aqui para ficar do seu lado para sempre!



Foto: Antônio David Diniz – Repórter fotográfico

ONDAS DE POESIA

ELA

Brunno de Sousa e Silva

Brunno de Sousa e Silva

Ela

Que me tira o sono

Que me aperta o peito

Que me mata aos poucos

Ela

Que é inevitável

Que é mistério

Que é tormenta e calmaria

Ela

Que o sorriso preenche

Que o olhar penetra

Que o som da voz reverbera

Ela

Que provoca dor

Que representa o amor

Que a tudo sente com fervor

Ela é o som

Ela é a cor

Ela é o sol

O meu farol

Ela.

COMO ESTÁS, MINHA MORENA?*Rafaelly Pimentel Ribeiro Lima*

Cansada, mas de alma plena
 O que andava fazendo aqueles dias em Minas?
 Passeando e degustando suas típicas comidas
 Oh! Quantas maravilhas
 Tem aquelas históricas cidades de Minas
 De Ouro Preto a Uberaba segue braba,
 Terra hospitaleira que logo
 Em seguida tem o famoso BH
 Terra rica de mineiros que
 Contempla o tão falado pão de queijo
 Oh! Minas! Uai;
 Oh! Minas! Trem bão;
 Oh! Minas! Tem café
 Pra barra com gosto de quero mais.
 “Oh! Minas Gerais,
 Quem te conhece não esquece jamais”.

O SIGNIFICADO DO PERDÃO*Jaqueline Farias de Oliveira*

Perdoar é lembrar sem doer
 Perdoar é voltar a viver
 Perdoar é virtude

Virtude que poucos desfrutam
 Mal sabem que amor e compaixão
 Andam lado a lado do perdão.

O ESCÁRNIÓ DOS POLÍTICOS E A PROSTITUIÇÃO DAS CABEÇAS*Felipe Oliveira Neves*

Escárnio é um termo para a política
 Como um dedo que calça luva.
 O político na realidade
 Não passa de um usurpador
 Escárnio reflete bem a zombaria
 E posterior desdém
 No qual os políticos
 Tratam suas cabeças
 Cabeças são seres anencéfalos votantes,
 Tratados como números
 Tudo se inicia com a zombaria
 E um pequeno patrocínio,
 Onde a cabeça é selecionada
 Com o patrocínio na cabeça
 Coloca-se o cabresto
 Com o cabresto tem-se o voto
 Com o voto vem o desdém do escárnio
 Tal qual a prostituta
 Vende o corpo ao usurpador
 A cabeça vende o voto ao político
 E o escárnio da política
 Na integra é definido.

DEUS, TUDO PRA MIM

Elane Aparecida Medeiros S. Milhomem



Fonte: Ant3nio David Dinis – rep3rter fotogr3fico

Aqui dentro uma voz calma diz
Para eu fechar os olhos e dormir.
Os olhos n3o respondem, est3o abertos,
As l3grimas insistentes querem invadir.
Pensamentos assombrom,
O desespero toma de conta,
Penso: n3o vou conseguir.
Deus me chama, pega na minha m3o
E diz: Filha eu estou aqui.

Levanto-me, tiro todo o resto de desilus3o
Que as l3grimas n3o levaram.
Ergo o meu olhar. Nada faz sentido,
Mas decido confiar
Pois na cruz Jesus morreu
Para meus pecados perdoar.
O melhor m3dico entre todos os m3dicos
Meu cora33o ele ir3 curar.

O 3nico que jamais se esquece do seu filho

E o ama acima de qualquer circunst3ncia.
Que com um sopro te fez nascer do p3
E te perdoa e cura n3o importa a dist3ncia.
Ressuscitou um homem morto ap3s sete
dias,
Curou um leproso e deu vida a uma crian3a.
Essas s3o s3 algumas das maravilhas
Que ele fez, por isso todos os dias
Estou em segur3ncia.

Deus nos ensinou a amar, perdoar
E as coisas alheias n3o cobi3ar.
O homem se tornou mal
E o bem n3o quer praticar.
Os sinais da vinda do Senhor
Est3o se cumprindo,
Por isso temos que vigiar.
Religi3o n3o salvar3 ningu3m,
Pois se n3o tiver um cora33o puro
No c3u n3o entrar3.



Fonte: António David Dims – repórter fotográfico

COMO É DIFÍCIL AMAR NO MUNDO DE HOJE

Maria Raimunda Ramalho da Silva

Nessa imensa solidão,
Gostaria de ter um amor para acalmar
O meu coração. Um amor puro;
Para que eu pudesse pensar no futuro.
Ah, como eu queria alguém para amar
Nessa imensa solidão.

Sair, viajar e dizer: oh, meu amor
Obrigada por me amar neste mundo de dor.
O amor é assim: repleto até o fim.
É lindo e belo como a cor do Ipê amarelo.

Ah amor, por favor, encontre-me,
Pois estou à sua procura
Como um pássaro que voa às alturas.
Vamos ver as ondas do mar.
Eu te chamo: vem me amar.

AINDA

Iasmin Prateado

Ainda sou a menina que te espera
Que não comemora a notícia da sua chegada
Porque sabe que vai doer a partida;
E mesmo separadas por mares e desertos
Te sinto por perto;

Ainda sou a menina que te espera
E um dia, sei que tu hás de chegar
Pra ficar
Pra eu deixar de esperar.

SEJA

Milena Castro Milhomem

Seja a felicidade que deseja
Seja o amor que almeja
Seja paz
Seja tudo que precise
Seja Flor e floresça
Seja calor e aqueça
Seja grande e amadureça
Seja luz
Seja tudo que precise
Seja o que procura, o que deseja
Só seja
Se reconheça e agradeça por...
Ser ...

MINHA MENTE

Sara Ferreira Alves Mota

Minha mente é um circo
Meu corpo uma metamorfose
O que é físico se transforma
O que é real se

D
E
S
R
E
A
L
I
Z
A.

ASAS

Ântoni Vizzotto Branco

se eu pudesse voar
os céus poderia mudar
o cinza das nuvens pintar
os erros consertar
novos ares planar
um novo destino iria traçar
como rei dos céus
para a terra do nunca
além das nuvens
iria voar
se eu pudesse voar.

UMA PARTÍCULA DE VIDA

João Vitor Soares da Costa

Em abundância mata
Quando está em falta, mata
Sem ela, ninguém vive

Uma faca de dois gumes
A estreita linha entre a vida e a morte
Seria ela então,
o que conhecemos como sorte?

Se ela é tão poderosa,
E precisamos da sua permissão para viver
Porque continuamos a poluir e a perder
Nossa tão preciosa fonte de vida,
Que deveria ser por valorizada e amada?
Essa é a injustiçada água.

FELICIDADE

Louygrime Reis

Ao chegar em casa depois
De um longo dia, nada mais
Me surpreendia, mas meu
Coração queimou feito brasa
Ao ouvir essas palavras:
“Princesa, tava com saudade de você “.
A partir desse momento
Minha noite foi só felicidade
Pois eu sabia que aquilo
É amor de verdade.
Vou dar um pouco de detalhes a mais.
Antes da felicidade apagar,
Me disse outras palavras sensacionais
“Mamãe eu te amo demais”.

O VAZIO

Alaenny Pires



Fonte: António David Diniz – repórter fotográfico

É seguido por borboletas no estômago
É a tristeza mais crua e perceptível
É mais amarga que saboreada em paladar
É cruel, ela pode ser tudo, menos falha.

Se não controlada, ela consome e se alastra
Não tem limite algum em sua extensão
Passando por cada neurônio, e se formando
Em uma jaula
Para aprisionar o otimismo, e distraindo
qualquer vestígio de esperança

Ela te torna nua, e vulnerável
E qualquer ação é imprevisível
Mesmo na maior ilusão de sanidade
Nunca a permita em seu ser

A DEPRESSÃO

Yolanda Santarém

Existe uma doença chamada depressão
Leva pai, leva tio, leva mãe, leva irmão
Ela chega de mansinho, preste muita
atenção

De repente leva quem mais amamos
Sem nenhuma explicação.

Depressão não é brincadeira

Venho logo lhes alertar

Já vi histórias sendo interrompidas

Jovens que tiram suas vidas

Pois cansaram de sozinhos lutar.

Há quem diga por aí que depressão é
frescura Pura

É coisa dessa geração

Que não sabe ter vida dura

Não pode ter uma desventura

Que já pensa em se matar.

Só quem já passou por ela

Sabe muito bem o que enfrentou

Coração bem apertado, no peito tamanha
dor

Vai embora o desejo de viver, só pensa
mesmo em morrer

A vida não tem mais sentido, acabou-se o
Valor.

Te convido então contra a depressão lutar
Espalhando muito amor e vidas assim
salvar

Dar atenção ao próximo nunca vai nos
matar

O que na verdade mata

É negar amor e apoio a quem se precisa

Amparar.

SENTIMENTOS

Matheus Nunes de Abreu

Tem certos dias em que me pego pensando em você.

Lembro - me de como teus risos iluminavam os meus dias mais escuros.

Recordo também de quando nós ficávamos dançando feitos dois loucos na sala, ou Mesmo quando você queria apenas ficar abraçada dançando uma música lenta, até às 3 horas da madrugada.

Ainda consigo perceber você em cada cômodo dessa casa...

Quando caminho da sala em direção ao seu escritório, às vezes sou obrigado a parar, Pois tenho a sensação de que você está lá...

... Lá no seu escritório, lendo aquela infinidade de livros, que agora mesmo estão Acumulando pó nas estantes.

Penso em dizer alguma coisa, mas tenho medo de perder a sua presença.

Então sou obrigado pela minha covardia a ir Para o nosso quarto...

... Nosso quarto, após tanto tempo ainda tem o teu perfume impregnado nele, é algo próximo ao agridoce.

Você dizia que era o cheiro da flor Jasmim que é prateada como uma chave.

Ali me lembro da maneira com que você Tocava o meu corpo, puxando - o para perto de si.

Quase consigo imaginar teu corpo envolto no meu novamente.

Seus lábios tocavam suavemente os meus, me parecia que o maná dos deuses estava na sua Boca.

Mas agora, teus beijos são apenas memórias que rasgam minha alma de ponta a ponta.

Tenho que sair deste quarto, senão ficarei preso em você mais uma vez.

Flutuo agora em direção à cozinha.

Nobre espaço, lugar onde nossa casa sempre emanava vida, mais especificamente nos domingos após a missa.

Você adorava cozinhar, enquanto eu cantava.

Esse era o seu trecho favorito "Meus sonhos se encontram com os seus como se Tivéssemos pedido para a mesma estrela".

Pode parecer egoísmo meu, mais quero você aqui!

Neste momento estou vagando no meu limbo particular, sem poder amar você!

Apenas com essas lembranças de você.

PERDIDA EM SEUS SONHOS

Eslaine Ferreira Teixeira Fontenele



Fonte: Antônio David Diniz – repórter fotográfico

Os olhos do meu coração brilham como a luz solar buscando
 Viver cada momento como se fosse o único.
 Às vezes perdida nas decepções que só me fazem somar
 Cada segundo, cada minuto que passa,
 Sabendo eu que não vai Mais voltar.
 Me perdi no tempo
 Andei para lá e para cá
 Hoje voltei a estudar com a certeza de que eu vou me encontrar
 Perdida nos meus sonhos
 Mas novamente voltei a acreditar, na
 Decepção da vida
 Pulei
 Dancei
 Sorri
 Mas nunca deixei de sonhar
 Viva a vida!
 Vamos todos juntos continuar!

AMOR DE MÃE

Suzany Ribeiro da Silveira

O amor é um sentimento profundo
 Que ninguém sabe explicar
 Muitos falam de amor
 São poucos que sabem amar
 É tão grandioso falar das mães
 Foi o melhor presente que Deus nos deu
 Pois quem tem mãe nunca esquece
 Do carinho que recebeu
 O amor não é momento
 Pois momentos se esquecem
 Amor de mãe é sentimento
 E nunca desaparece.



©Antonio David Diniz

Fonte: Antônio David Diniz – repórter fotográfico

DILEMA

Elizângela Ferreira de Moura Barbalho



Fonte: António David Diniz – repórter fotográfico

Percebo em nossas lindas palavras ditas,
Quão significantes fomos um para o outro.
A origem de tudo está em um lugar distante
Que trouxe as mais lindas cores
E sensações para nossas vidas.
O tempo passou e nós passamos com ele,
Mas ficou em nosso DNA o carinho e
O desejo de outrora
Que por muita responsabilidade
Não avançamos para um desiderato outro.
Hoje nos resta escolher
Entre o pecado ou nosso estado de
consciência
De que vivemos o que pregamos
E de acordo com
Nossos princípios morais.
Não podemos continuar
Com nossos desejos presenciais e carnais
Para não sucumbirmos a uma vida
Que não queremos
Para a eternidade.
Viveremos um amor ágape.

OH! GRANDE NATUREZA

Diego Lopes

Ao dia cinzento
A noite escura
Mostra as suas entranhas
E torna-se nua

Oh! Bela terra
Aquela mesma indescritível
De tamanha beleza
Faça a si mesmo irreconhecível

Com toda a sua magia
Fazendo sempre o bem
Com esta simpatia
Permitindo-nos ir além

Entrega a mim a tua beleza
Mostra o teu melhor
Oh! Grande natureza
Cheia de esplendor

Tenta ainda ser forte
Mesmo com toda a dor
Desesperada com a morte
E sentindo o calor

Mostra a todos o teu coração
Que mesmo todo partido
Não nos deixa na mão
Por isso te faço um pedido

Perdão àqueles inocentes
Que ainda não vieram
Trazidos pelas correntes
Que ainda não se fizeram

Encerra aqui o teu caminho
Gloriosa natureza
Avisando o nosso destino
Que é de tamanha tristeza.

TEORIA LITERÁRIA



<https://www.consueloblog.com/perseu/>

Perseu e a cabeça da Medusa (1545-1554), escultura em bronze por Benvenuto Cellini

MANEIRISMO: ESTÉTICA DA DISTRORÇÃO E RUPTURA

Características na Poesia

Maria Wellitania de Oliveira ¹

Sabe-se que a organização de atividades literárias no tempo é denominada de período literário, escola ou movimento literário. Cada período é determinado

por conjunto de normas estéticas que dominam a literatura num dado momento, considerando-se, o estilo, o tempo e os fatos históricos.

Entre os séculos XVI e XVIII, que correspondem à Era Clássica, surge o Maneirismo, transitando entre o Classicismo e o Barroco. O Maneirismo se manifesta numa oposição aos modelos literários clássicos que apura e refina as suas características, destacando os detalhes da composição e o seu carácter estático, seguindo uma inclinação melancólica. Enquanto expressão retórica de uma arte aristocrática e refinada desenvolve como principais recursos estilísticos a metáfora inovadora, a antítese, o oxímoro e o paradoxo, no quadro da estética da agudeza intelectual e da ornamentação sutil da linguagem poética¹. Desta forma, opunha-se aos ideais do classicismo em voga.

Em outras palavras, o classicismo renascentista era, sobretudo, dominado pelos ideais de firmeza, ordem, segurança, clareza, harmonia, simetria, enfim, de perfeita conciliação entre o homem e a natureza, entre o real e o ideal, com certo repúdio ao detalhismo realista, já que se empenhava em conquistar a maior clareza e objetividade possíveis para a expressão artística. Ao contrário disso, o Maneirismo valorizava não a firme segurança, mas a insegurança, não a estabilidade, mas a instabilidade, a dúvida, a incerteza, a mudança, a qualquer ideia de normatividade e de equilíbrio simétrico, como também de rigor e de sobriedade. Na verdade, o Maneirismo, ao mesmo tempo em que preservava, distorcia as linhas renascentistas, pois via uma identidade estética, centrada no conceito

da imitação clássica, mas uma estética da distorção e da ruptura. Assim, por exemplo, “o antinaturalismo, a inquietude espiritual, a destruição do equilíbrio e da harmonia formais, são alguns caracteres importantes do estilo maneirista, tanto nas artes plásticas como na literatura, já que tais caracteres revelam uma determinada mundividência.”²

Assim sendo, poderíamos definir o Maneirismo, como uma expressão artística de singular beleza, graciosa, ao mesmo tempo em que é simples, é sofisticada. Expressa complexidade e leveza ornamental.

No contexto literário, o Maneirismo foi considerado um estilo de elite, restringido a um seleto grupo de intelectuais e se distinguiu pela amálgama do trágico com o cômico, além de uma linguagem metafórica e cultista, mesclando a realidade e a fantasia.³

Ao longo da literatura, é notória a presença maneirista na produção poética de alguns autores, a exemplo do poeta português Luís Vaz de Camões (século XVI), que cantou como ninguém a mágoa da alma humana ante as desilusões do amor e da vida, como se pode ver nos versos: “*Tanto de meu estado me acho incerto,/Que em vivo ardor tremendo estou de frio;/Sem causa, juntamente choro e rio;/O mundo todo abarco e nada aperto*”, nestes versos Luís de Camões apresenta a complexidade, a incerteza e um certo desequilíbrio emocional, características próprias do Maneirismo. Do mesmo modo, em seu poema épico *Os Lusíadas*, Camões

deixa transparecer, em vários momentos da narrativa as marcas do Maneirismo, como podem ser vistas na fala do Velho do Restelo (Canto IV), nessa passagem do texto, a fala do Velho do Restelo é carregada de pessimismo e contraria a proposta de *Os Lusíadas*, que é exaltar as grandes navegações, considerando que no mar o homem ultrapassa as suas fraquezas, neste fragmento, o Velho é a contra voz dentro do poema, questiona e discorda da partida das naus. Além do canto IV, o Maneirismo aparece também no final dos Cantos V, VII e X. No entanto, é importante ressaltar que Camões foi um poeta mais clássico do que maneirista.

Na literatura brasileira o Maneirismo aparece nos poemas de diversos autores em todos os períodos literários posteriores ao século XVI. Um bom exemplo é o texto *A Jesus Cristo Nosso Senhor* do poeta barroco, Gregório de Matos Guerra, esse soneto reflete bem o momento maneirista vivenciado pelo eu lírico, que se mostra conflituoso, abatido, deprimido e melancólico, evidenciando, também, o desequilíbrio emocional explícito no contraste da culpa *versus* perdão.

Posteriormente ao Barroco, surge outro movimento estético, o Arcadismo. Mesmo tendo como características marcantes a simplicidade, o bucolismo, a poesia pastoril e as temáticas relacionadas à natureza, o maneirismo, também, se faz presente na literatura desse período, como se pode constatar no *Soneto XXII*, de Cláudio Manuel da Costa. Diferentemente dos ideais árcades, esse soneto traz em

seus versos características saturninas, expressões de um eu lírico, melancólico, inconformado com seu infortúnio. A descrição pessimista do ambiente, o arvoredo fúnebre o penedo tosco são marcas do maneirismo.

Após o Arcadismo, surge o movimento romântico, extravasando a emoção em detrimento da razão. Alguns valores estéticos que caracterizaram esse movimento, mais especificamente na segunda geração, são: egocentrismo; sentimentalismo exacerbado; idealização do amor e da mulher; pessimismo emocional; fuga da realidade e melancolia. Tais comportamentos caracterizam aquilo que ficou conhecido como “mal-do-século” e muito se aproxima do comportamento dos artistas maneiristas. De acordo com Arnold Hauser (1976, p. 82), “São fenômenos a sublinhar, no período maneirista, o número de intelectuais neuróticos, a difusão do cepticismo e o aparecimento da melancolia como uma doença da moda”.

Entre os escritores da segunda geração romântica, Fagundes Varela foi um poeta que apresentou características maneiristas em seus textos, como se pode atestar no poema *Noturno*, em seus versos, a melancolia saturnina expressa pelo eu lírico se revela através do desejo de morrer, da desesperança e do pessimismo, características próprias dos ultrarromânticos e, também, dos poetas maneiristas.

A partir da segunda metade do século XIX, a subjetividade e emoções do Romantismo cederam lugar à objetividade

e à razão, proposituras do movimento realista/naturalista e da poesia parnasiana.

Mesmo com foco na “arte pela arte”, em que se valoriza a forma, a linguagem e a descrição de imagens nos poemas, alguns poetas parnasianos fizeram poesias com características também maneiristas, a exemplo de Raimundo Correia, com o poema *Anoitecer*. O poeta se vale de metáforas, de antíteses, do ambiente mágico e fantástico para mostrar uma transformação da natureza idílica para o maneirismo, num tom melacólico e de desencanto, processo conhecido como “natureza mágica”. O texto apresenta alguns efeitos visuais, imagens da infinitude, da mortalidade dos ciclos, numa metamorfose que transforma o dia em noite, sem diminuir a beleza da natureza numa concepção de que a beleza é abstrata, enquanto que o adereço é concreto, o que caracteriza bem a poesia parnasiana.

Outro poema que expressa características maneiristas é um soneto do poeta simbolista Cruz e Sousa, *Cárcere das almas*, em que o eu lírico revela pessimismo e dor de existencial,

além do desejo de transcender e alcançar a liberdade espiritual. Na mesma linha de “dor existencial” está o poeta Augusto dos Anjos, cuja poesia apresenta predisposição para o horrível, e seus versos demonstram a escatologia, a decomposição, o pessimismo e o gosto do poeta pela dor. O poema *Budismo moderno*, por exemplo, é um verdadeiro desafio à dor, seus versos são uma tendência ao desengano e à banalização do sofrimento, mas que conduzem à profunda reflexão sobre a vida e, de forma imaginativa, emergem o psiquismo e as emoções, que são vertentes estéticas do Maneirismo.

Por fim, apesar de o Maneirismo ter sido um período histórico-cultural e literário que se desenvolveu na Europa entre a segunda metade do século XVI e a primeira do século XVII, caracterizado pela reação ao equilíbrio harmônico propugnado pelo Renascimento, suas características se fazem presentes na poética de muitos autores, ao longo das manifestações literárias de cada época, a partir da consideração das forças antagônicas que agitam o homem e o mundo.

REFERÊNCIAS

- ¹ OLIVEIRA, Wellitania - Professora de Literatura do curso de Letras da Universidade de Gurupi - UnirG, Gurupi/TO.
- BARBOSA, Frederico. **Clássicos da poesia brasileira** – Antologia da poesia brasileira anterior ao Modernismo. Preparação e revisão de Nelson Luís Barbosa. São Paulo: Klick Editora – Coleção O Globo, 1997.
- CADEMARTORI, Lúcia. **Períodos literários**. 7. ed. São Paulo, Ática, 1995.
- HOCKE, Gustav R. **Maneirismo: o mundo como labirinto**. Tradução Clemente Raphael Mahl. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- ³ HAUSER, Arnold. **Maneirismo**. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- ¹ MONIZ, Antônio. PAZ, Olegário. **Dicionário Breve de Termos Literários**. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1997. p. 134
- ² SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. 3. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE LITERATURA COMPARADA

*Daniela Leite Alves Brito*¹

Para o estudo da literatura comparada, fez-se necessário realizar a leitura da obra *Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica* de Sandra Nitrini. A autora apresenta uma reflexão detalhada do processo histórico e das mais diversas opiniões de autores que já realizaram pesquisas, na tentativa de explicarem o objeto de estudo e a finalidade da literatura comparada.

Segundo NITRINI (2015, p. 20), a expressão denominada Literatura Comparada “[...] derivou de um processo metodológico aplicável às ciências, no qual comparar ou constatar servia como um meio para confirmar uma hipótese”. Porém, ainda é incerto confirmar o ano de criação da literatura comparada. Sabe-se que ela é aperfeiçoada ao longo do tempo.

Entre os anos de 1828 e 1835, os estudiosos Abel-François Villemain, Jean Jacques Ampère e Philarète Chasles iniciaram estudos nas universidades francesas sobre a literatura comparada. No Brasil, a década de 80 foi o marco para

a institucionalização dessa literatura no país.

Em Porto Alegre (RS), no ano de 1986, foi criada a Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic), no I Seminário Latino-Americano de Literatura Comparada. A partir de então, a Literatura Comparada foi inserida nas grades curriculares dos cursos de Letras em muitas instituições de ensino superior no Brasil.

Sobre o objeto de estudo da literatura comparada, Nitrini (2015, p. 24) afirma que “[...] O objeto é essencialmente o estudo das diversas literaturas nas suas relações entre si, isto é, em que medida umas estão ligadas às outras na inspiração, no conteúdo, na forma, no estilo”. Assim sendo, ao realizar um estudo de equiparação entre duas, ou mais obras literárias, é importante estar atento aos enredos, dos romances, observando os aspectos que se aproximam tanto nas características dos personagens envolvidos, quanto nas situações em que esses são submetidos.

REFERÊNCIAS

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica*. 3º ed. 1º reimp. São Paulo: edusp, 2015.

¹ Brito, Daniela. Graduada em Letras – Licenciatura em Português/Inglês e suas respectivas literaturas, pela Universidade de Gurupi - UnirG, Gurupi/TO.

ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO

Rafaelly P. Ribeiro Lima

Nesta coluna de nossa revista, você conhecerá a trajetória profissional da professora doutoranda Rosemeire Parada Granada Milhomens da Costa. Ela atua como docente titular no Universidade de Gurupi UnirG, desenvolvendo atividades voltadas para a área de Língua Inglesa. Ela também é coordenadora do CELU (Centro de Línguas UnirG). É Graduada em Letras/ Português - Inglês pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Jandaia do Sul (FAFIJAN). Após sua graduação mudou-se para o exterior, onde trabalhou como professora de língua inglesa para estrangeiros. Estudou e fez cursos de aperfeiçoamento na Escola de Cambridge e também na Universidade de Havard por um ano. Especialista em Língua Inglesa e suas respectivas literaturas pela Universidade

Federal do Tocantins; Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins – UFT. Ela também participa do grupo de pesquisa de Processos Educativos, do Universidade de Gurupi UnirG. Atualmente está vinculada ao Programa de doutorado em Letras - Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins - UFT. Sua pesquisa do doutorado é voltada para a formação de professores de Língua Estrangeira (LE) e em questões acerca do tema. Possui experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas. Atua em temas vinculados na área de concentração de Formação de Professores de Língua Estrangeira (LE), Crenças e Cultura. A seguir, o leitor acompanhará a autobiografia nas palavras da própria docente.

ROSEMEIRE PARADA GRANADA MILHOMENS DA COSTA



Minha infância foi no interior do Paraná, onde fui criada com mais dois irmãos. Meu pai, à época era comerciante, e minha mãe dona de casa. Sempre estudei em escola pública, logo sou fruto da escola pública. Tive uma infância comum, brincava de pé no chão, mas também brincava de escolinha onde eu, claro, era a professora. Minha infância foi cercada de muitos amigos, primos, tios e tias e também cercada de muito amor e valores religiosos e éticos.

Sempre gostei muito de estudar. Na escola, eu era aquela que ajudava todo mundo e que inevitavelmente tirava as melhores notas da

sala, devido à personalidade perfeccionista que me acompanhou durante muitos anos da minha vida.

Foi na quinta série que a paixão pela língua inglesa surgiu através de uma professora que me encantou com a disciplina e que me mostrou o mundo de possibilidades que eu teria se falasse outra língua.

Na adolescência, mudei de cidade e de escola, fiz novas amizades, tive novos professores e novas experiências, entretanto o interesse pela língua inglesa era o mesmo. Quando finalmente chegou a fase do vestibular, eu percebi que queria ensinar as pessoas, e então optei por Letras, justamente pela habilitação em língua inglesa.

Iniciei a faculdade de Letras aos 18 anos e viajava mais ou menos 100 km para chegar até a cidade de Jandaia do Sul, onde a faculdade era situada. No primeiro dia de aula vi uma escola de inglês em frente a faculdade e meus olhos brilharam. Eu vi ali a oportunidade de realmente melhorar e agregar mais conhecimento, por isso, conversei com os meus pais que à época mantinham financeiramente meus estudos e lá fui eu iniciar meu tão sonhado curso no Fisk.

Após o término da fase de graduação, eu ainda estudava na escola de inglês e fui convidada para trabalhar nessa escola. Empolgada, eu disse sim, claro, e comecei a trabalhar como professora de língua inglesa. Foi nessa época, aos 21 anos, que começou a minha trajetória enquanto professora de língua inglesa.

Após essa escola veio o convite para uma entrevista de emprego em uma escola particular para assumir as aulas de língua inglesa dos anos iniciais até o ensino médio, e paralelo a esses dois empregos, ainda trabalhava em uma outra escola de inglês

chamada *Easy Way*. Nessa última escola trabalhei por pouco tempo, uma vez que abri mão desse emprego para poder cursar uma especialização em língua inglesa em outra cidade durante 1 ano.

Eu me realizava em sala de aula e me realizava com o sucesso dos meus alunos, e com aquilo que eu era capaz de repassar a eles. Entretanto, tinha um lado meu que gritava por mais, que queria mais habilidades comunicativas em língua inglesa e eu concluí que conseguiria isso se eu saísse do Brasil e fosse morar em um país onde eu pudesse passar por um processo de imersão.

A ideia foi amadurecendo até que um dia eu estava em sala de aula no colégio onde eu trabalhava, lecionando para crianças da quinta série, e enquanto eu passeava entre as carteiras desses alunos pensei “vou largar tudo e vou para os Estados Unidos!”. E foi assim, muito rápido, porque naquela tarde eu fui para casa e comuniquei a meus pais, que olharam para mim com a cara mais assustada do mundo. Isso passou a ser uma meta, e no outro dia eu já estava fazendo foto para o passaporte e pedido de visto.

Na época eu tinha uma amiga de faculdade que já morava nos Estados Unidos. Isso me motivou a deixar os empregos, terminar a especialização e ir para os Estados Unidos em 2001. Era um sonho realizado. Morei no estado de Massachusetts, na cidade de Boston, por 4 anos. Lá vivi as experiências mais inusitadas da minha vida, sendo boas e ruins, inclusive foi o país onde conheci meu marido. Tive os mais diversos empregos que me levaram a melhorar minhas habilidades comunicativas, sendo inclusive professora de língua inglesa para estrangeiros.

Fiz vários cursos na área de inglês voltados

para educação de línguas e tinha uma meta que era fazer um curso na Universidade de Harvard e depois de duas tentativas fui selecionada para 01 ano de estudos.

Voltei ao Brasil, casada, em dezembro de 2004, para me estabilizar novamente em meu país. Vim para o Tocantins em janeiro de 2005 e em fevereiro fui contratada pela UnirG como professora de língua inglesa. Essa fase foi cercada por desafios porque eu já estava há quatro anos fora de sala de aula, e embora eu tivesse trabalhado nos Estados Unidos como professora de inglês, o cenário agora era outro.

A experiência de formar profissionais para a educação me empolgava ao mesmo tempo em que assustava pelo tamanho da responsabilidade que sentia naquele momento.

E assim recomecei com uma bagagem muito maior e realizada, após os anos de vivência no exterior, porém cheia de desafios pela frente.

Em 2006 engravidei da minha primeira filha e juntamente com a gravidez veio a notícia do concurso da UnirG. Era a chance da estabilidade. Prestei o concurso e fui efetivada. Em 2010 veio a segunda gestação e após o nascimento do segundo filho percebi que era hora de então realizar minhas outras metas profissionais, mestrado e doutorado.

Findava-se a fase de pausa na minha formação acadêmica e foi então que participei da seleção do programa de mestrado da Universidade Federal do Tocantins. Ingressei e cumpri os dois anos de Mestrado.

Na fase atual encontro-me cursando o programa de quatro anos de doutorado na mesma universidade com perspectivas de término pra 2021.

Enfim, são aproximadamente 23 anos de carreira docente, 15 deles dedicados à Universidade de Gurupi. Nessa trajetória profissional tenho publicações de artigos científicos em língua portuguesa e inglesa em revistas da área, bem como a publicação de um livro na área de formação de professores, além de pesquisas desenvolvidas nos campos de crenças, identidade e cultura.

Posso afirmar que tem sido uma trajetória muito gratificante, realizada com muito estudo e trabalho e também com alguns sacrifícios. Todos esses elementos tornaram a jovem aspirante a professora, que tremeu muito em seu primeiro dia letivo como regente de uma sala de aula, na professora que sou hoje: reflexiva, empolgada, ciente de meu papel como formadora em língua estrangeira, e sempre disposta a fazer a diferença na vida dos alunos que cruzam suas histórias com as minhas em sala de aula.



ENTREVISTA COM ELIOSMAR VELOSO

ACADEMIA GURUPIENSE DE LETRAS (AGL) EM FOCO



Louygrime Reis ao lado de Eliosmar Veloso

Por Ana Marina Mariano e Louygrime Soares dos Reis

A Ressaca Literária, neste volume, tem a honra de entrevistar Eliosmar Ferreira Batista, conhecido por seu nome artístico Eliosmar Veloso, escritor, dramaturgo, diretor teatral, artesão, ativista cultural, revisor, membro fundador e atual presidente da Academia Gurupiense de Letras (AGL) na qual é titular da cadeira nº 2. É também o fundador da Editora Veloso. É o autor de 5 livros, dentre eles, o romance 'Janela da Liberdade', escrito em 2010 e já indicado para o vestibular da UnirG. Escreveu e dirigiu mais de 30 espetáculos teatrais, com destaque para comédias, sempre enfocando em seus textos questões sociais. Participou da *Antologia Literária Internacional Del' Secchi – 1999*. Ganhou o *Troféu Mauro Cunha de Destaque Cultural/2000*. Com um bate papo muito descontraído, ele nos contou sobre suas experiências e desafios que enfrenta, como grande contribuinte para a divulgação cultural e literária a nível nacional e, principalmente, no Tocantins.

Ressaca Literária: Como e de onde surgiu o seu gosto pela escrita literária?

Eliosmar: *Eu escrevo desde os 13 anos de idade, portanto, há 45 anos. Meu interesse surgiu primeiramente pelo teatro, através dos antigos “circos teatro” que iam na cidade onde eu morava, e, ao assistir, comecei a transcrever, criei um grupo de teatro e logo após, fiz minha primeira poesia.*

Ressaca Literária: Você se inspira em algum escritor literário?

Eliosmar: *Como meu trabalho é bem eclético, escrevo poesias, literatura de cordel, contos, crônicas, romance, etc. não tenho um escritor em quem me inspire, embora tenha muitos de quem gosto, como Guimarães Rosa, Monteiro Lobato, Clarice Lispector etc. Entre os nossos escritores tem alguns que às vezes chegam a me inspirar, como: Pedro Albeirice, Francisco Concesso, Dourival Santiago...*

Ressaca Literária: Quais as principais temáticas que você aborda em seus livros?

Eliosmar: *Não tenho uma temática definida em meus livros de poesia. No meu romance ‘Janela da Liberdade’, foi a temática familiar patriarcal e no segundo, que está sendo escrito, a questão agrária e o humor.*

Ressaca Literária: Como foi a sua participação na criação e na trajetória da AGL?

Eliosmar: *Sou membro fundador da AGL. O Zacarias teve a ideia de criar a Academia, chamou o Gil Correia e eu que na época era Coordenador Municipal de Cultura (Cargo correspondente hoje a Secretário de Cultura), nos unimos e fomos em busca*

de pessoas interessadas para criar a AGL. De lá pra cá, já fui duas vezes Presidente e duas vezes Vice-Presidente e, atualmente, por ser vice do Prof. Robertão que está em viagem por tempo indeterminado, tive que assumir, pela terceira vez a Presidência.

Ressaca Literária: De onde surgiu a ideia de criar a editora Veloso?

Eliosmar: *Olha, a ideia de criar a editora Veloso surgiu a partir das dificuldades que a gente tinha aqui em Gurupi para publicar livros. Em 1986, eu lancei meu primeiro livro ‘O amor e a vida’, de poesias, e aqui foi muito difícil de conseguir alguém que pudesse me instruir, que pudesse ajudar, informar. Então esse livro foi feito no Rio Grande do Sul, em Santo Ângelo, eu aqui e eles lá fizeram do jeito que eles quiseram fazer o livro, né? Ficou muito ruim, ficou péssimo. Como eu assumi a Coordenadoria de Cultura em 1997, vendo a quantidade de escritores que tinha na cidade... Com a criação da Academia Gurupiense de Letras, eu tive a ideia: “Vou tentar criar uma editora”. Fiz um livrinho meu experimental, teve um amigo meu que viu esse livro, pediu para eu publicar o dele, o amigo dele tinha outro livro, pediu para eu fazer e foi aumentando. Hoje nós temos escritores no país inteiro, graças a Deus. Temos 21 anos de editora e temos escritores em todos os estados do Brasil, inclusive alguns no exterior, temos uma escritora em Portugal, temos um escritor na Suíça, temos um no Canadá. Pessoal que é brasileiro e mora lá, veio passear aqui, fez o livro e levou para lá, mas não são naturais de lá.*

Ressaca Literária: É difícil trabalhar com empreendedorismo cultural no estado do Tocantins?

Eliosmar: *Não só no estado do Tocantins, acredito que no país inteiro, porque cultura não dá retorno em termos de divulgação, todos nós que mexemos com cultura sabemos disso. Então tem muita dificuldade com relação a patrocínio... Se procurar patrocínio para um jogo de futebol você acha na hora, procurar patrocínio para a publicação de um livro é praticamente impossível. Isso é muito difícil de conseguir. Então, em termos culturais quem trabalha com cultura, como eu trabalho desde criança, a gente sabe muito bem disso. Eu pelo menos, não procuro patrocínio porque eu fico chateado, só vou pedir patrocínio pra quem eu sei que pode dar e eles negam aí eu fico com raiva, então para evitar isso, eu já não peço por que cultura não tem patrocínio. Infelizmente nosso país é assim.*

Ressaca Literária: Como é trabalhar com tantos escritores de gêneros diferentes?

Eliosmar: *É complicado, viu? Tem que gostar muito do que faz, como eu gosto. Eu amo o que eu faço, por isso que nós temos algumas pessoas aí que... Meu Deus do céu. Mas, todo mundo que mexe com gente vai encontrar pessoas legais, vai encontrar pessoas chatas... Nossa diversidade de humor é muito grande, então a gente encontra pessoas de tudo quanto é jeito, mas temos que ter jogo de cintura e saber tratar todo mundo bem. Acho que é por isso que hoje nós temos na editora, escritores vindos de grandes*

editoras, como a Kelps, a Sabesp, a editora Record... Tem escritores que eram de lá, que publicavam lá e hoje estão publicando conosco aqui.

Ressaca Literária: Qual dos seus trabalhos pessoais foi o mais desafiador?

Eliosmar: *O meu pessoal está sendo escrever meu segundo romance 'Os filhos do sertão'. Com três anos que eu comecei e não consigo concluir por falta de tempo. Esse está sendo desafiador viu? Mas eu vou conseguir, até o final desse ano, com fé em Deus, eu lanço ele. A Editora Veloso está, há 5 anos acima da meta de publicações, não me sobrando muito tempo de continuar a escrever.*

Ressaca Literária: Que livro o senhor indica para todos?

Eliosmar: *É claro que vou indicar o meu, né? O livro que eu indico para todos é meu último romance 'Janela da Liberdade', que foi inclusive indicado para vestibular de 2016/1 e que está esgotado. Mas, está saindo agora a quinta edição. Esse é o que eu recomendo para todo mundo. Uma história muito envolvente, uma história boa, fácil de ser lida, sem muitas palavras difíceis.*

Ressaca Literária: Há espaço para jovens escritores na editora Veloso?

Eliosmar: *E como tem! E muito! Aqui nós gostamos mesmo de trabalhar com os iniciantes, nós auxiliamos os escritores desde a digitação do livro até o dia do lançamento e depois do lançamento também. Nós temos casos aqui em que o autor perdeu o livro 10 anos atrás, ele perdeu e ligou na editora e a gente mandou cópias pra ele. Por que temos tudo arquivado*

aqui. Nós temos 21 anos de livros na nossa cadeia. São muitos livros.

Ressaca Literária: Quais projetos a editora tem?

Eliosmar: A editora tem dois projetos literários anuais, que é o 'Anuário de escritores e poetas do Tocantins' que teve origem com o 'Anuário de escritores e poetas de Gurupi' que foi feito em 1998, a primeira edição. Quando acabou meu mandato na Coordenadoria de Cultura eu comandeí esse projeto e continuei fazendo até 2014, como 'Anuário de escritores e poetas de Gurupi'. Em 2014, eu transformei esse título para 'Anuário de escritores e poetas do Tocantins' e hoje nós temos anualmente um livro com média de quatrocentas a quinhentas páginas e esse é só para escritores do estado, e temos a 'Antologia Veloso' que é uma antologia a nível nacional. É divulgada entre escritores do país inteiro, eles se inscrevem, a gente junta os melhores trabalhos e lança um livro todo ano. Esse livro é lançado no primeiro semestre e o anuário é lançado no segundo. Então, nós temos esses dois projetos que tem uma excelente aceitação

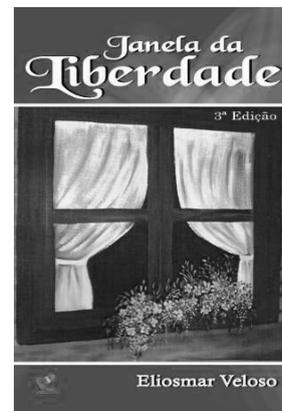
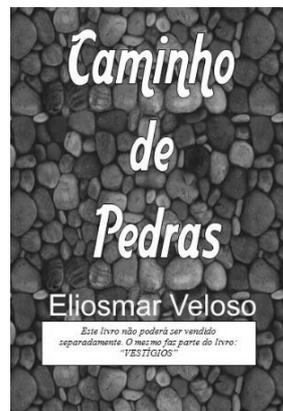
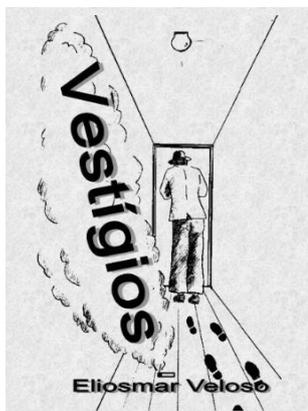
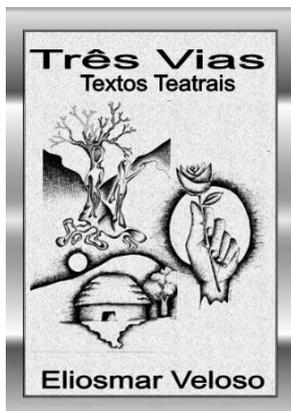
entre o público literário.

Ressaca Literária: Qual conselho o senhor dá para leitores?

Eliosmar: *Leiam bastante, porque a literatura é um dos maiores prazeres que temos na vida se a gente souber ler, temos que aprender a ler, a apreciar um bom livro, uma boa história. Escolha um tema que você gosta e procure um livro naquele tema e leia. Aprenda a gostar de ler, por que com a leitura você aprende muito! Pegue um livro por semana, pelo menos, e leia, pelo menos, a metade dele... Leia duas, três páginas por dia, você vai aprender, você vai ter gosto de ler e vai chegar uma hora que vai pegar um livro e não vai conseguir parar de ler até terminar!*

Ressaca Literária: Por último, qual o seu conselho para os jovens que estão iniciando carreira literária?

Eliosmar: *Que escrevam e mostrem seus trabalhos, não os deixe guardados em gavetas. Hoje é muito fácil de tornar nossos trabalhos conhecidos através das redes sociais, usem elas e participem dos eventos literários, porque a arte de escrever é muito bonita e edificante.*



MARULHOS LITERÁRIOS

EM TEMPOS DE PANDEMIA, NUNCA A LITERATURA FOI TÃO NECESSÁRIA!

Com um livro na mão, nunca se está em isolamento.

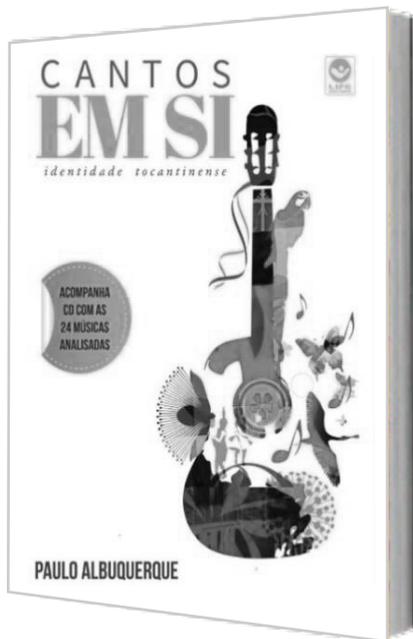


A Peste, de Albert Camus, cuja primeira edição data de 1947, virou best-seller em 2020 e no mundo todo. A história se passa na década de 40, em torno da pequena cidade litorânea de Oran, localizada na Argélia, e que é atingida por uma terrível epidemia que vai dizimando a população.

Ensaio sobre a cegueira, do escritor português José Saramago. Publicado pela primeira vez em 1995, o livro conta a história de uma epidemia que se espalhou por uma cidade, atacando as pessoas contaminadas com a doença da cegueira.

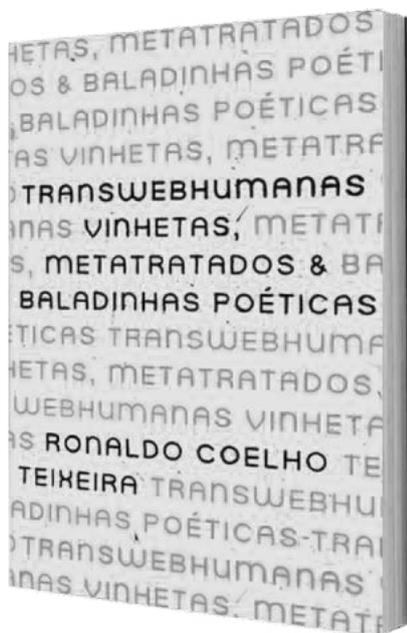
Amor nos tempos do cólera, de Gabriel García Márquez, datado de 1985. A obra explora o amor de Florentino por Firmina, que já ultrapassa 53 anos, o enredo ocorre no período da pandemia de cólera – doença que, só na Rússia, ceifou a vida de um milhão de pessoas. Não é a doença que mobiliza o enredo, mas o amor de quem sabe esperar.

LITERATURA TOCANTINENSE



A obra: ‘Cantos em si: Identidade tocantinense’ tenta encontrar um lugar para a música regional como elemento de constituição identitária do Tocantins, distinguindo expressões dessa cultura em letras, arranjos e melodias e associando conceitos gerais sobre identidade, cultura, comunicação, globalização e regionalidade. Acompanha o livro um CD com as 24 obras analisadas.

O autor: Paulo Albuquerque é natural de Cruz Alta (RS) e chegou ao Tocantins em setembro de 1989, atraído pela criação do novo Estado. Atuou inicialmente como advogado e professor até 1996 em Gurupi. Professor, jornalista, músico profissional e compositor, tornou-se imediatamente conhecido por sua arte em todo o Tocantins. Participou do I Cantocantins, Cantos do Tocantins e Tocantins Popular, com temas sobre o Estado. Apesar da origem sulista, Paulo é reconhecido como pesquisador e divulgador da arte e dos temas tocantinenses.



A obra: Em ‘Transwebhumanas vinhetas, metatratados & baladinhas poéticas’, o autor arriscou a cada verso, mas cada risco foi feito à régua e calculado. Suas poesias são como pingos, gotas e chuva de graça e sensibilidade que faz pensar, meditar e questionar com uma sutileza que pode tornar belo a existência.

O autor: Ronaldo Coelho Teixeira, cearense criado no Norte de Goiás, é também autor de outros três livros: “Mercador” (1998) e “Para que o Fantástico não se Ausente” (2012) – poesia – ambos pela Bolsa Maximiano da Matta Teixeira do Governo do Tocantins, e “Surtos & Sustos” (2007) – crônicas. Seus poemas foram publicados no Livro da Tribo (SP) e tem crônicas veiculadas em sites renomados como A Cultura e Mercado e o *Publish News*.

PRODUÇÃO ACADÊMICA

A ESTÉTICA FÚNEBRE VINCULADA À POESIA: A TEMÁTICA DE AUGUSTO DOS ANJOS



Thallison Assunção¹

O primeiro contato com a poesia é, geralmente, a de temas animados, alegres, românticos, etc. Talvez seja esse o motivo que faz com que tomemos um choque ao nos depararmos com uma poesia pessimista que, ao contrário do que estamos acostumados, carrega em seus versos a dor, o âmago, tristeza, a morte, a perda, a desilusão, etc. Esta segunda é normalmente mal vista e desconsiderada como sendo poética.

Até mesmo na contemporaneidade, temas relacionados a este modelo poético costumam ser reprovados pelo público que muitas vezes os consideram como sendo tabus sociais.

Sabe-se que existem, mas se evita falar sobre.

Segundo o Dicionário Michaelis (web), poesia pode ser definida como: “Arte de compor versos” ou “Composição poética, com rimas ou em versos livres, em que o autor expressa seus sentimentos, ideias, impressões etc.”. Temos, portanto, regras sobre a forma, mas não sobre o conteúdo propriamente dito. Esse é um ponto importante a ser destacado quando o assunto é discutir a estética pessimista.

No que se refere à poesia pessimista, um dos nomes mais marcantes é o de Augusto dos anjos. Pertencente ao período pré-modernista, suas obras são sempre ligadas a temas mórbidos como a morte, a angústia e a evasão da realidade. Foi muitas vezes considerado como sendo antipoético.

Já no primeiro soneto do autor, intitulado como *Saudade*, demonstrou apreço por temas que eram pouco recebidos pelo público:

Hoje que a mágoa me apunhala o seio,
E o coração me rasga atroz, imensa,
Eu a bendigo da descrença em meio,
Porque eu hoje só vivo da descrença.

À noite quando em funda soledade
Minh'alma se recolhe tristemente,
Pra iluminar-me a alma descontente,
Se acende o círio triste da Saudade.

E assim afeito às mágoas e ao tormento,
E à dor e ao sofrimento eterno afeito,
Para dar vida à dor e ao sofrimento,

Da saudade na campa enegrecida
Guardo a lembrança que me sangra o peito,
Mas que no entanto me alimenta a vida.
(Augusto dos Anjos. Saudade)

A nostalgia exposta no soneto demonstra, ao mesmo tempo, o descontentamento com o estar vivo e o entendimento de a dor ser a única coisa que ainda mantém o eu lírico vivo.

Segundo Moraes, Machado, Júnior (2012, p. 41): “[...] a intensidade de sua dor e o profundo sentimento de angústia, desespero e horror perante a existência que imprimiu nos seus versos, fez de seus poemas um dos mais líricos, ousados e poéticos da nossa língua”.

Tal colocação serve para iniciar um diálogo sobre a construção temática do autor, permitindo que se deixe de lado a negatividade e reprovação do escrito para que seja possível observar as obras como um todo.

Ignorar uma obra poética pelo seu tema é negar a riqueza literária da obra. Se tratando de Augusto dos Anjos, essa reprovação impede a apreciação de textos tão complexos que são difíceis até mesmo de serem encaixados em algum movimento, como afirma Neto (2000):

[...] pela impossibilidade de ser classificada de forma absoluta, a poesia de Augusto dos Anjos já foi aproximada de um a grande variedade de movimentos artísticos e filosóficos: Simbolismo, Expressionismo, Art Nouveau, Naturalismo, Materialismo, etc. Essas características impossibilitam-nos vê-la sob um único aspecto, ou de maneira unívoca. Assim, como ocorre com as obras dos grandes autores, possuindo várias facetas, ela caracteriza-se pela heterogeneidade. (p. 1)

Augusto dos Anjos é até hoje um “divisor de águas” no que se refere às temáticas adotadas por ele, mas, mesmo com a reprovação de alguns, é inegável as contribuições do autor para a literatura.

Além dos assuntos, outra característica se tornou marco do autor: a inovação da linguagem. Como expõe Amorim, Moreira (2017, p. 10): “Esse paraibano magro e taciturno, leitor voraz de Schopenhauer e de Haeckel, Spencer e Darwin, trilhará um caminho até então desconhecido em nossas letras, o que o fará um dos nossos versejadores mais originais”.

Confirmando o exposto anterior a este parágrafo, o autor fazia frequentemente o uso de termos acadêmicos na composição das suas obras poéticas. Tal característica é bastante visível no soneto *Psicologia de um Vencido*:

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
 Monstro de escuridão e rutilância,
 Sofro, desde a epigênese da infância,
 A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
 Este ambiente me causa repugnância...
 Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia,
 Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme — este operário de ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida, em geral, declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!
(Augusto dos Anjos. *Psicologia de um Vencido*)

Na obra, o autor utiliza de elementos químicos, termos médicos, adjetivações e figuras de linguagem para construir a sonoridade poética sem deixar de lado a sua temática profundamente mórbida.

A construção poética não se limita à felicidade. Ela é feita usando a expressão do poeta a partir da escrita. Diminuir ou menosprezar um texto por abordar uma temática que, a caráter individual, é desagradável, é desvalorizar o trabalho do artista, não somente Augusto dos Anjos, como todos os outros que abordaram temas similares.

Compreende-se, portanto, a necessidade de entender a poesia não como algo carregado de positividade e sim como algo carregado de sentimentos, quer sejam bons, quer sejam ruins.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Wellington Lima; MOREIRA, Adonay Ramos. O pessimismo na poesia de agosto dos anjos. *Educação: Teoria e Prática*/ Rio Claro, SP/ Vol. 27, n.54/ p. 06-22/ janeiro-abril. 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/11720>>. Acesso em: 12 mar. de 2020.

ANJOS, Augusto dos. *Psicologia de um Vencido*. Disponível em: <<https://escolaeducacao.com.br/melhores-poemas-de-augusto-dos-anjos/>>. Acesso em: 12 mar. de 2020.

ANJOS, Augusto dos. *Saudade*. Disponível em: <<https://escolaeducacao.com.br/melhores-poemas-de-augusto-dos-anjos/>>. Acesso em: 12 mar. de 2020.

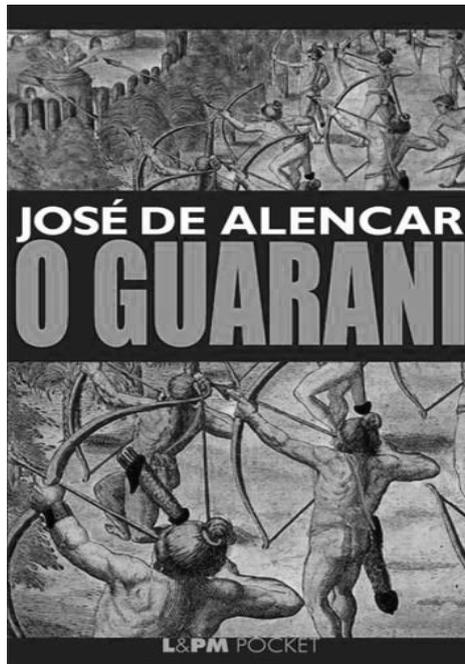
Michaelis. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Poesia. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=V4DER>>. Acesso em: 12 mar. de 2020.

MORAIS, Ana Paula Araújo de; MACHADO, James Wilker Freire; JÚNIOR, Orlando Freire. Angústia e pessimismo na poesia de agosto dos anjos. *Revista Discentis* 1ª edição. 2012. Disponível em: <<http://www.dcht16.uneb.br/revista/artigo4.pdf>>. Acesso em: 12 mar. de 2020.

NETO, Henrique Duarte. *As cosmovisões pessimistas de Schopenhauer e Augusto dos Anjos*. 2000. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/79052>> Acesso em: 12 mar. de 2020.

¹ ASSUNÇÃO, Thallison - *Graduando em Letras – Licenciatura em Português/Inglês e suas respectivas literaturas, pela Universidade de Gurupi - UnirG, Gurupi/TO.*

A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA NA OBRA ‘O GUARANI’



Lucas dos Santos Costa¹

‘O Guarani’ é um romance de José de Alencar, publicado em 1857, primeiramente em folhetins, entre janeiro e abril, no Diário do Rio de Janeiro e depois como livro, no final daquele ano, com a compilação de todos os folhetins revisados e com poucas alterações. Pertence à primeira geração do Romantismo, denominada indianista, instaurada em 1836, com o lançamento do livro ‘Suspiros poéticos e saudades’ de Gonçalves de Magalhães. Nesse período, havia um processo de busca dos intelectuais pela autonomia espiritual por meio de uma literatura própria no Brasil, que se fortificou com o processo de separação política entre esse e Portugal, após a proclamação da Independência em 1822.

É nesse contexto, que Alencar objetivou

fundar um padrão de identidade nacional na ficção, por meio de ‘O Guarani’ e posteriormente, de ‘Iracema’ (1865) e de ‘Ubirajara’ (1874), ambos protagonistas indígenas, ao formar, dessa maneira, uma trilogia. Para isso, se apropriou das ideias e valores político-estéticos de escritores românticos franceses e europeus, adaptando-os à realidade brasileira. Faz parte desses a expressão idealizada do medievalismo, seu espaço e seus heróis, os cavaleiros. Alencar, tendo em vista que o Brasil enquanto nação recém-fundada não possuía uma literatura medieval própria com o viés nacionalista, teve como cenário as matas virgens coloniais e como herói, na primeira obra da trilogia, um índio guarani.

Essa obra é dividida em quatro partes,

com capítulos curtos e possui uma plasticidade na descrição das cenas e ações, que dão a impressão de que ela tem estrutura cinematográfica. Seus discursos são diretos na maioria das vezes, embora ela tenha os indiretos. Nela, o narrador em 3ª pessoa é onisciente intruso, pois sabe o que se passa no ambiente externo e até os sentimentos das personagens, também, por vezes interrompe a narração para fazer considerações. O tempo é cronológico, medido pela natureza, e invertido por analepse ou *flashback*, pois em vários capítulos, o autor narra uma cena anterior a outra que já foi narrada.

A linguagem de 'O Guarani' é melódica e poética, inclusive nas falas do índio Peri, que é um inteligente depositário do conhecimento acumulado em sua tribo. Além disso, o autor ao descrever, de forma fantasiosa e inverossímil, as terras brasileiras e seus moradores, utiliza metáforas com elementos da fauna e flora. Averiguamos isso a seguir na admirável descrição que ele faz de Cecília (ou Ceci):

Os lábios vermelhos e úmidos pareciam uma flor dagardênia dos nossos campos, orvalhada pelo sereno da noite; o hálito doce e ligeiro exalava-se formando um sorriso. Sua tez alva e pura como um froco de algodão, tingia-se nas faces de uns longes cor-de-rosa, que iam, desmaiando, morrer no colo de linhas suaves e delicadas (ALENCAR, 1996, p.32)

Alencar na obra exalta a natureza com

tom ufanista, como podemos confirmar no seguinte excerto: "A vegetação nessas paragens ostentava outrora todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendiam ao longo das margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras" (ALENCAR, 1996, p. 16).

A narrativa ocorre no início da primeira metade do século XVII, a partir do ano 1603, e nela, o autor utiliza vários fatos e nomes históricos. Trata da formação da nacionalidade brasileira no período colonial, por meio da união entre o índio e o europeu, isto é, pela miscigenação. Como exemplo disso há o caso de D. Antonio de Mariz com uma indígena que teve sua filha Isabel, a qual representa o novo padrão de beleza feminina e se contrasta com Cecília, a bela moça branca, europeia.

Peri é a personificação concreta do *bon sauvage* (bom selvagem) de Rousseau, que considera que o homem é bom por natureza e a vida em sociedade que o corrompe. Sobretudo o índio, constituído no imaginário nacional como mito heroico e adotado com ânimo por grande parte dos brasileiros, configura a índole desse povo. É possuidor de nobres qualidades sobre-humanas físicas, intelectuais e em seu caráter. É ético, honesto, puro, empático, forte, educado, corajoso, íntegro, gentil, conhecedor dos mistérios das selvas, enfim, podemos dizer, perfeito. Nesse sentido, para Cândido (2000, p. 202): "assim como Walter Scott fascinou a imaginação da Europa com seus castelos e cavaleiros, Alencar fixou um dos mais caros modelos da sensibilidade brasileira: o do índio ideal [...]".

Podemos nos envolver e muitas vezes

vibrar, na trama desse romance, com as aventuras de Peri, dotado desses bons atributos. Ele enfrentou precipícios e matas perigosas e sempre protegeu Cecília, do vilão Loredano, um ex-frade italiano que queria raptá-la. Lutou sozinho contra duzentos índios aimorés, apresentados como mais selvagens que ele, e matou vários deles simultaneamente. Domou e até assassinou animais ameaçadores. Elaborou e executou um plano no qual, com intento de salvar D. Antonio de Mariz e a família desse, dos aimorés que estavam se preparando para atacar, tomaria o veneno *curare* e se entregaria para aqueles selvagens antropófagos, o comerem envenenado e morrerem. Ainda, venceu a própria morte, revertendo a ação daquele veneno que estava em seu corpo, ao tomar um antídoto.

Mas será que o índio da época em que ‘O Guarani’ foi escrito era igual ao desse livro? A história mostra que não, que, na verdade, “o selvagem [Peri] é um ideal, que o escritor intenta poetizar, despindo-o da crosta grosseira de que o envolveram os cronistas, e arrancando-o ao ridículo que sobre ele projetam os restos embrutecidos da quase extinta raça” (ALENCAR, 1967, p. 26). Por isso mesmo, o enredo retrata o índio colonial, que o próprio autor reconhecia que

já não era como os de seu tempo, dos quais muitos eram marginalizados e corriam risco de extermínio, consoante foram descritos em crônicas que ele lia.

O amor que Peri sente por Cecília é uma espécie de culto, de adoração. Ele sempre a trata com cavalheirismo e por ela, se torna cristão e civilizado. Nessa perspectiva, para Bastos (2012) a obra aventa a origem de uma brasilidade da melhor estirpe, a partir da união do “melhor” português com o “melhor” índio, em um processo de comunhão entre eles. Símbolo disso é a cena final em que Cecília retribuiu esse amor, ao decidir morar com ele nas matas e esses dois seres unidos sumiram no horizonte em cima de uma palmeira a flutuar sobre as águas.

De fato, ‘O Guarani’ contribuiu para o desenvolvimento de um sentimento de autonomia espiritual e artística, que libertou nossa literatura da tradição clássica e de um passado preso à Portugal, ao retratar o colonialismo sob uma nova ótica. É uma espécie de representação de nossa pátria e deve ser estudado para compreensão de aspectos do pensamento histórico brasileiro sobre a nação. Nesse romance, Alencar imprimiu seu subjetivismo, ao abordar nossas belezas naturais e enunciar a mestiçagem como a matriz da brasilidade.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **O guarani**. 20. ed., São Paulo: Ática, 1996.

_____. “Como e porque sou romancista” in: **O Guarani**. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1967.

BASTOS, Alcmeno. Alencar e o índio do seu tempo. **O eixo e a roda**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 49-63, 2012. Disponível em: http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/viewFile/3479/3403. Acesso em: 15 março 2020.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. Ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda. 2000.

¹ COSTA, Lucas dos Santos - *Graduando em Letras – Licenciatura em Português/Inglês e suas respectivas literaturas, pela Universidade de Gurupi - UnirG, Gurupi/TO. E-mail:lucascostalettras@gmail.com.*

A CONTRIBUIÇÃO DOS NEGROS NA FORMAÇÃO DA CULTURA TOCANTINENSE

Marília Gomes de Souza¹

O Tocantins, pelas raízes históricas que possui, é um estado muito rico e diverso culturalmente. Os vários povos que formaram esse estado fizeram nascer festas e tradições que permanecem na atualidade. Dentre esses povos, destaca-se a comunidade negra, que tem preservado a cultura africana no cenário da cultura brasileira e, especificamente no contexto da cultura tocantinense.

Para Hall (2009, p. 72), “a tradição não implica em algo fixo. Ela é representada como se fosse fixada em pedra. Mas é antes um reconhecimento do caráter encarnado de todo discurso”. Sendo assim, as manifestações culturais devem ser analisadas e compreendidas a partir das influências de outras culturas como a europeia e africana.

A cultura negra é a expressão das principais festas e tradições tocantinenses que se formaram graças à presença dos africanos na região. Para a antropóloga Yvonne Maggie, “[...] a expressão “cultura negra” é tomada não como conceito, mas como formulação do senso comum. Por cultura negra, entende-se qualquer coisa que seja concebida como de origem africana.” (MAGGIE, 1994, p. 149).

No Tocantins, diversas festas tradicionais são festejadas todos os anos. É possível encontrar exemplos da influência africana em praticamente todas as manifestações culturais que ocorrem no estado, a exemplo das Festas Religiosas.

A festa do Congo, Congado ou Congada como são conhecidas, e uma dança dramática

realizada por 12 dançarinos, todos os homens, os quais realizam uma encenação da coroação do rei do congo que se assemelha com cenário de luta. “Ela se originou durante o período colonial e são representações de coroação de rei do congo, embaixadas, reminiscências de bailados guerreiros, rememorando costumes do reino do Congo, final do século XV.” (ARAUJO, 2013, p. 46). Esta dança é acompanhada pelo canto e os instrumentos de percussão como: caixa, zabumba, reco – reco e o pandeiro. As músicas relembram um fato histórico ocorrido com os negros em seu país.

O grupo possui um vestuário bem colorido e cada cor tem um significado. O vermelho representa a força do divino, o azul e branco são as cores de Nossa Senhora do Rosário, os acessórios utilizados na cabeça representam a coroa e o xale sobre o ombro representa o manto real.

Em Monte do Carmo, município tocantinense, há um grupo de dançarinas, chamadas de taieiras, que acompanha a Congada. São mulheres que usam saias rodadas, colares de várias cores e um acessório na cabeça. Com esta vestimenta elas representam os escravos que trabalhavam na corte. No Tocantins, existem outros grupos de congadas que se encontram na cidade de Santa Rosa e Conceição do Araguaia.

A festa de Nossa Senhora do Rosário é de origem portuguesa, mas também, é comemorada pela comunidade negra. A imagem da Santa tem um símbolo representando os negros,

as algemas em seu punho com a corrente quebrada, representa a libertação dos escravos.

No Tocantins, a cultura negra, de origem africana, tem destaque os festejos de São Gonçalo e a festa de São Benedito, que são santos homenageados na região sul e sudeste do Tocantins.

Outros festejos realizados no Tocantins, de origem portuguesa e preservado pelas comunidades negras são: as Cavalhadas, que ocorrem no município de Taguatinga; a festa de Nossa Senhora da Natividade e a festa do Divino Espírito Santo, no município de Natividade e a Folia de Reis, que acontece em quase todos os municípios da região sul e sudeste do Estado.

Nesses festejos são agregadas outras atividades culturais de origem africana como a suça, ou sussa, dança acompanhada ao ritmo de tambores. A coreografia é realizada em forma de círculo, os homens praticam o sapateado, cercando a mulher com sentido de dominá-la e ela com sapateados miúdos, graciosamente e sedutoramente dança com as mãos na cintura.

A jiquitaia é outra dança e tem os mesmos passos da suça, só que em ritmo acelerado e a sua coreografia sugere que os integrantes retiram formigas que estão nos corpos dos dançarinos.

De acordo com Vasconcelos (1988, p. 34) as danças africanas são caracteristicamente “acompanhadas com bate-mão e cantos, às vezes improvisados, e de instrumentos diversos, principalmente o de percussão. Algumas danças são também improvisadas, de acordo com a habilidade do dançarino”. Com isso, podemos afirmar que as danças negras se dividem em dramática que introduz algumas representações na encenação e a não dramática que é encenada em forma de roda ou fileira.

Essas danças são típicas das cidades onde a

negritude é mais predominante, “(...) no folclore das cidades de Paranã, Santa Rosa do Tocantins, Monte do Carmo, Almas, Natividade, Conceição do Tocantins, Arraia, Peixe, Tocantinópolis (...)” (ARRAÚJO, 2013, p.42).

Dizem que a capoeira, uma dança de origem africana, mas não se sabe ao certo se ele veio com os escravos ou se foi criada aqui no Brasil, pois, segundo Campos (2009, p.33) “A grande dificuldade em obter tal afirmação deve – se principalmente ao conselheiro Ruy Barbosa que, quando Ministro da Fazenda do Governo Deodoro da Fonseca, mandou queimar toda a documentação referente à escravidão negra no Brasil”. Mas, no Tocantins, ela é praticada de norte a sul do Estado, principalmente em eventos culturais.

Como já foi dito, as manifestações realizadas no Estado são principalmente nos ritmos de tambores, pandeiros e violas. Arranjos tradicionais que são originados na época dos escravos, que ao anoitecer, se reúnem em quilombos ou senzalas para realizar suas celebrações, cantorias, danças e batuques. Segundo Tinhorão (2008), citado por Araújo (2013, p. 39) “Desde o século XVI, chamado “batuque”, primitiva roda de dança africana, constituía para os escravos um dos raros momentos de livre exercício de seus costumes originais”.

Outro aspecto em que a cultura africana se faz presente é na música. Os ritmos africanos estão expostos nas composições de artistas como: Everton dos Andes, Dorivã, Braguinha Barroso e Genésio Tocantins, cujas composições incorporam a figura do negro que não abandona seus tambores e misturam “instrumentos que lembram a sonoridade dos índios e o batuque dos negros” (ALBUQUERQUE, 2019, p.82). Assim, a escolha pelos instrumentos de percussão é

uma forma de preservação da cultura tradicional do Estado, mais especificamente, dos ritmos africanos que caracterizam a dança da suça, tambor, congo e roda.

Hoje na música tocantinense temos compositores que valorizam a cultura negra no Estado, como o cantor e compositor Dorivã, com a música *Mãe Romana* que reverencia as mulheres e em “especial o povo afrodescendente de região Sudeste do Estado” (ALBUQUERQUE, 2019, p.70).

O cantor e compositor Éverton dos Andes aborda em suas músicas a cultura tocantinense e nunca deixa de ressaltar o povo negro, seus toques musicais são em ritmos de tambores e reggae, na composição *jiquitaia* e *suciologia* relata sobre a dança de origem negra, com intuito de proteger e valorizar a cultura, “a obra de Éverton também reflete sua militância pela proteção do ambiente e pela valorização da herança africana” (ALBUQUERQUE, 2019, p.79).

Braguinha Barroso traz na composição da música *Tocantins dos Santos Tambores*, relata a figura do negro religioso e católico, seu ritmo e sonoridade de tambores. Para Albuquerque

(2019, p.81) Braguinha “(..) mostra este aspecto de identidade tocantinense: o sincretismo religioso que existe de fato entre o catolicismo e as religiões africanas”.

As letras das músicas de Genésio Tocantins retratam muito bem a cultura tocantinense, o amor por esta terra, a fé do homem e respeito a natureza, os ritmos de suas músicas vem acompanhados de batuque de tambores, assim lembrando do ritmo das músicas negras.

Os músicos Everton dos Andes, Dorivã, Braguinha Barroso e Genésio Tocantins, são cantores regionais que em suas composições relatam a beleza do Estado, a biodiversidade natural e a cultura negra. Os ritmos musicais desses cantores e compositores vêm acompanhados pelos sons de tambores, pandeiros, entre outros instrumentos que foram e são utilizados pelos negros.

Assim, observa-se que o Estado do Tocantins possui uma diversidade cultural muito extensa, uma miscigenação de culturas de vários estados e países, com destaque para a cultura afrodescendente, as quais são passadas de geração a geração e realizadas em várias cidades do Tocantins.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Paulo. Cantos em Si: identidade tocantinense. Campo Grande, MS: Life Editora, 2019.
- ARAÚJO, Wendy Almeida. Os ritmos tradicionais nos tambores do Tocantins constituições identitárias e processos culturais. 2013. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, cidadania e cultura) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013. [Orientador: Profa. Dra. Suely Henrique de Aquino Gomes].
- CAMPOS, Hellio. Capoeira Regional: a escola do Mestre Bimba. Salvador: EDUFBA, 2009.
- HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- MAGGIE, Yvonne. Cor, hierarquia e sistema de classificação: a diferença fora do lugar. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.7, n.14, 1994.
- TINHORAO, José Ramos Tinhorão. As festas no Brasil Colonial. São Paulo: Editora 34, 2008.
- VASCONCELOS, Ary; MOURA, Roberto M; SOUZA, Tarik de; et al. Brasil Musical: viagem pelos sons e ritmos populares. Rio de Janeiro: Art Bureau Representações e Edições de Arte, 1988.

OUTRAS ARTES

“COM QUE ROUPA” TRADUZIR NOEL ROSA?

*Aurea Maria Sampaio Teles*¹

*Elane Aparecida Medeiros Santos Milhomem*²

Noel Medeiros Rosa nasceu no ano de 1910 no bairro de Vila Isabel, zona norte do Rio de Janeiro e faleceu em 1937 por complicações de uma Tuberculose. No seu curto tempo de vida compôs mais de 300 músicas, entre sambas, marchinhas e canções. As composições de Noel foram consideradas marcantes, pois retratavam a realidade, os acontecimentos, seus amores e a vida boemia. As descrições sobre a vida de Noel Rosa discorrem a respeito dos intuitos do compositor na criação da letra. Com isso, ocorreram as várias versões discrepantes dadas pelo próprio Noel. Segundo biógrafos, as motivações que levaram Noel a compor “Com que roupa” foram: a falta de dinheiro, as críticas do período e é nesse último aspecto que usou de sua música para fazer uma grande crítica social à sociedade da época, gravada em 1930. A letra bem-humorada e irônica, associada aos ritmos alegres tornou-a um sucesso popular.

A letra da música retrata de forma metafórica a crise mundial de 1929, retratando um Brasil descamisado. A música da canção gerou conflito na literatura de Noel Rosa. A melodia do primeiro verso “Agora vou mudar minha conduta” era semelhante à do Hino Nacional. Semelhança, essa, observada pelo maestro Homero Dornelas que alterou a melodia musical, tirando toda e qualquer semelhança com o Hino Nacional.

Agora vou mudar minha conduta,
 Eu vou pra luta pois eu quero me aprumar
 Vou tratar você com a força bruta,
 Pra poder me reabilitar
 Pois esta vida não está sopa e eu pergunto: com que roupa?
 Com que roupa eu vou pro samba que você me convidou?
 Com que roupa que eu vou pro samba que você me convidou?

Para Noel Rosa “Com que roupa” representava de forma tropológica o Brasil – “um Brasil

de tanga, pobre e maltrapilho”, certamente referindo-se aos impactos da crise de 1929 na economia brasileira. Designação de obscuridade trazida pela letra, pois “ Mesmo eu sendo cabra trapaceiro/Não consigo ter nem pra gastar”. Frente à absoluta falta de dinheiro no mercado, não consegue sobreviver.

Agora, eu não ando mais fagueiro,
Pois o dinheiro não é fácil de ganhar
Mesmo eu sendo um cabra trapaceiro,
Não consigo ter nem pra gastar
Eu já corri de vento em popa, mas agora com que roupa?
Com que roupa que eu vou pro samba que você me convidou?
Com que roupa que eu vou pro samba que você me convidou

O segundo relato quanto à criação da música foi pela inspiração que ia sair com os amigos, e sua mãe escondeu suas roupas e os amigos o chamaram e ele perguntou “Com que roupa eu vou?”. Mesmo sendo crítica ao Brasil da época ou por ter suas roupas trancadas pela sua mãe, a letra apresenta, ainda, obstáculos humanos traçados por humor, sofrimentos, ironia e escassez. De escrita coloquial, a música se baseia nas linhas melódicas do dia-a-dia, bem-humorada e irônica, associada a ritmos alegres tornou-se sem dúvida um sucesso popular.

REFERÊNCIAS

FRAZÃO, Dilva. Noel Rosa: compositor brasileiro. **E biografia**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/noel_rosa/. Acessado em: 11 de março de 2020.

ROSA, Noel. **Com que roupa?**. 1930. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/noel-rosa-musicas/125759/>. Acessado em: 11 de março de 2020.

TV FLASKÔ. 2012. 1 vídeo (1h33min). Filme “Noel Poeta da Vila”. **Publicado pelo canal TV Flaskô Fábrica Ocupada**. Disponível em: <https://youtu.be/wWFFSbbBT28>. Acessado em: 14 de março de 2020.

¹ TELES, Aurea Maria Sampaio – Professora, licenciada em Letras – Português/Inglês e suas respectivas literaturas, pela UnirG, Gurupi/TO.

² MILHOMEM, Elane Aparecida Medeiros Santos – Graduada em Letras – Licenciatura em Português/Inglês e suas respectivas literaturas, pela Universidade de Gurupi - UnirG, Gurupi/TO.

FOLIA DE REIS

Domingas Santana dos Reis¹



Arquivo pessoal

Folia de Reis é uma tradição católica que serve para comemorar a Visita dos Reis Magos e o anúncio da Chegada dos Messias, ou seja, a passagem bíblica da Visita dos Reis Magos à manjedoura de Jesus Cristo (nascimento de Jesus). Os

Reis Magos foram considerados Santos a partir do século XVIII, isso converteu na tradição do Reisado, que conhecemos como Folia de Reis, de origem europeia, festa tradicional no Brasil, chegou no século XIX, veio através dos membros de Jesus,

ou seja, os Jesuítas Portugueses que vieram para o Brasil durante a colonização, para catequizar os Índios.

A Folia de Reis é composta por várias pessoas que fazem parte do grupo, que tem vários instrumentos, como: sanfona, pandeiro, violão, caixa, zabumba, entre outros diversos para compor as cantigas da Folia de Reis. Essas geralmente são versículos bíblicos, cantigas cristãs antigas e versos que são compostos pelo próprio Mestre da Folia de Reis. Essa Folia é diferente e varia de região para região. Seus principais componentes são: O Mestre, Bandeireiro (conhecido no Tocantins como Alfero), e o Bastião (famoso palhaço).

O Mestre é o componente mais importante da Folia de Reis, ele é uma espécie de maestro e tem uma responsabilidade imensa, por dois motivos; primeiro que é ele quem conduz as cantigas, e ele quem de fato é o maestro do grupo, acompanhando os cânticos, versos principais, e principalmente é o responsável por manter a tradição. A Folia de Reis é passada de pai pra filho, e esse Mestre tem a responsabilidade de manter aquele grupo formado, seja dependente de onde for.

O Bandeireiro (conhecido no Tocantins como Alfero), é o componente que carrega a Bandeira do Reisado, é uma bandeira que possui santinhos, flores, brilhosa, enfeitada com fitas coloridas. Essa bandeira é levada à frente da Folia de Reis, até as casas das pessoas, para anunciar a chegada de Jesus Cristo.

Bastião, (o palhaço) conhecido em algumas regiões, é responsável para abrir o caminho para a Folia de Reis, esse palhaço, geralmente usa máscara muito feia, fazendo brincadeiras com o intuito de arrecadar dinheiro das pessoas para fins filantrópicos.

Em Natividade do Tocantins a Folia de Reis é considerada como “Identidade Quilombola”, cidade que busca sempre preservar Cultura e Tradições que chegaram e possui uma grande riqueza no Estado do Tocantins.

Folia de Reis, também pode se dizer que é um ato de Pagar Promessas, por isso ela é realizada no período da noite. Dando início no dia 24 de dezembro com término no dia 06 de janeiro, visitando família de amigos e parentes. Os foliões chegam à localidade do pouso, se cumprimentando se



LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

O egresso estará habilitado a atuar em diversas funções, como pesquisador, consultor, crítico literário ou revisor de textos. O egresso poderá ainda se especializar e vir a atuar como tradutor, intérprete, roteirista, secretário, assessor cultural ou profissional dos mercados midiático, editorial entre outros.

apresentando por meio de canto e dança.

Após a chegada, reza-se o terço, com a presença dos foliões e convidados, é servido o jantar, em uma mesa especial para todos os foliões. A casa recebida pela Folia fica responsável para receber a bandeira, mas antes o Bandeireiro (Alfero), percorre toda a casa com a bandeira “Abençoando aquele lar”, enquanto isso, os foliões são servidos com lanches: biscoitos, café, bebidas, bolos, petas. Esse é o lanche que o sustenta durante toda a noite. Ao saírem, os proprietários da casa devolvem a bandeira fazendo gestos de agradecimentos.

E ao amanhecer, o grupo de Folia retornam para suas casas, para dormirem e

descansar e à noite retornarem as andanças pela cidade até o último dia, eles fazem o mesmo percurso, são 13 dias andando e ao mesmo tempo cumprindo promessa.

Na foto que acompanha este texto, está o senhor Germano Pereira, 79 anos de idade que foi Bandeireiro (Alfero), por muitos anos na Folia de Reis, entre outras que ele participou. Entrou na folia com apenas 18 anos de idade e permaneceu até o ano de 2009. Tem muita experiência e até hoje gosta do que já fez em folias. Germano acredita serem os Santos Reis os protetores contra as pragas e diz que os Santos Reis eram responsáveis pela prosperidade, pela fartura e por muito dinheiro.

“Folia de Reis é e continua sendo uma tradição forte no Estado do Tocantins”.

REFERÊNCIAS

A Folia de Reis. **Visite o Brasil**. Disponível em: <https://www.visiteobrasil.com.br/norte/tocantins/folclore/conheca/a-folia-de-reis>. Acessado em 05 de março de 2020.

¹ REIS, Domingas Santana dos - *Graduanda em Letras – Licenciatura em Português/Inglês e suas respectivas literaturas, pela Universidade de Gurupi - UnirG, Gurupi/TO.*



CURSO DE SEGUNDA LICENCIATURA EM LIBRAS

Para portadores de diploma em Letras ou outras licenciaturas. A oferta deste curso visa contribuir para o desenvolvimento dos conhecimentos e habilidades inerentes ao domínio do uso da Língua Brasileira de Sinais. O licenciado em LIBRAS poderá atuar em diversos espaços sociais, tais como: instituições de educação básica, de ensino fundamental e médio; instituições públicas ou privadas de atendimento à população, entre outros.

CURIOSIDADES LITERÁRIAS



Dom Quixote, obra-prima do espanhol Miguel de Cervantes, obteve um sucesso tão grande na época da sua publicação que um anônimo escreveu uma segunda parte do romance.

O paulista José Carlos Ryoki de Alpoim Inoue entrou para o *Guinness* (Livro dos Recordes). Ele tem o recorde de romances já publicados no mundo. Foram 1.086, sob 39 diferentes pseudônimos.



Conceição Evaristo é uma das principais referências da literatura brasileira atualmente. Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país estreou na arte da palavra em 1990, com publicações de contos e poemas na série *Cadernos Negros*.

Ernest Hemingway participou das duas guerras mundiais, sobreviveu a dois acidentes de avião, teve seus livros queimados pelos nazistas e como se isso não fosse o suficiente, ganhou o *Prêmio Nobel de Literatura*.



Patrocínio

Dr. Felipe Oliveira Neves
CRM-TO 1943

Médico Especialista em Anestesia
Membro da Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor

(63) 3312-2570

(63) 98409-4996 📞

REABILITAR - ESPAÇO SAÚDE, Av. Pernambuco, nº 1343 entre ruas 2 e 3 - Gurupi-TO



ATENDIMENTOS EM ODONTOLOGIA, PSICOLOGIA E FISIOTERAPIA

Rua Presidente Getúlio Vargas, nº 771, Centro, Gurupi-TO.

